

Beatriz Marinaro Moreira

**BOTÂNICA ASTROLÓGICA: A CANNABIS DENTRO DAS ASSOCIAÇÕES
PLANETÁRIAS**

Trabalho de Conclusão Celeste
apresentado à Saturnália – Escola de
Astrologia sob orientação da professora
Thamires Regina Sarti

RESUMO

Esse trabalho trata de fazer um levantamento de algumas associações astrológicas a planta da Cannabis ao longo da história, trazendo suas aparições no livro do *Picatrix* e o pensamento do alquimista Paracelso, ambos compondo uma tradição de pensamento erudito medieval, ainda assim aplicando duas correspondências distintas entre si. Para tanto, se investiga a história das classificações do Reino Vegetal, suas bases filosóficas e astrológicas, entendendo como esses conhecimentos caminham atrelados. Expondo os fundamentos desde o pensamento de Aristóteles para tratar de entender como se chega às associações da Cannabis dentro dos dois autores, além de compartilhar ferramentas e autores por onde adentrar a ao estudo de botânica astrológica.

Palavras-Chave: Botânica astrológica, classificação dos seres, Cannabis, *Picatrix*, Paracelso.

SUMÁRIO

Introdução	04
------------------	----

PRIMEIRA PARTE

1.1 Pincelada pela história da Astrologia.....	06
1.2 Aristóteles.....	08
1.3 Qualidades Primordiais.....	10
1.4 Da classificação dos seres vegetais	13

SEGUNDA PARTE

2.1 Sobre a Maconha	16
2.2 Das associações astrológicas da maconha.....	19
2.3 Picatrix.....	21
2.4 Paracelso	26
2.5 Plantas mágicas e a maconha.....	34
2.6 ANÁLISE DE CASO I.....	40
2.7 ANÁLISE DE CASO II.....	44
2.8 ANÁLISE DE CASO III.....	49
Conclusões	54
Referências	55

INTRODUÇÃO

Faço um convite para que comecemos uma viagem em tempos e espaços que podem parecer tão distantes quanto próximos a depender do momento, cruzando as linhas de um tempo apenas linear, para adentrar na espiral filosófica que trata de indagar sobre o cosmos, numa observação profunda sobre o pulsar da vida. Essa viagem pode ser complicada às vezes, dar nós na cabeça, demorar a assentar, ser entendida por partes, por espaços, mas certamente tem sua beleza, os sabores do saber chegam em tempos que muitas vezes fogem a nosso controle e de nossa própria consciência, pertencendo a um tempo outro. Faz parte desses conhecimentos que ficam guardados em algum lugar do nosso corpo, mas que demoram a ser nomeados e se dizer exatamente o que é ou a saber contar a outros, mas estão lá, grafados na pele, assim como no fundo da nossa visão de mundo, compondo a paisagem de nossas formas de vida.

Compartilharei com vocês nas próximas páginas essa viagem que fiz nos últimos meses, indo e voltando e girando até ficar tonta, depois de dormir sonhar e entender na imagem outra coisa diferente daquilo que pensava que já sabia, mergulhos entre os autores antigos e outros malucos que se puseram a ler e os estudar com ânimo e olhar brilhante a magia, o cosmos, a natureza e o céu. Tive honra e privilégio de ser guiada e acompanhada por Thamires Sarti, que no outro dia me disse que nunca sabemos o que vamos escrever até começarmos a escrever, e assim foi. Como boa taurina que sou, quis adentrar em assuntos da matéria, que me levasse a vida prática e pudessem ser localizados no tempo, ainda sim falando de perfumes, o perfume de uma planta que há muito vem sendo perseguida e cerceada, a maconha. De início queria entender como se deu essa marginalização pelo mundo afora, já sabendo que tinha data importante aqui em terras brasileiras, onde teve legislada sua primeira proibição nas Américas. O Almutem Saturno falou mais forte, e fui atravessada pela teoria e filosofia dos textos antigos.

Esses estudos me remetiam também a uma volta ao início, já que logo que comecei meus estudos de maneira mais formal em Astrologia, primeiro com Angélica Ferroni – que além de me apresentar uma faceta mais séria, também me apresentou sua história e estudos acadêmicos sobre o céu caldeu – e em seguida dentro da Saturnália, onde aprofundei, conheci aos antigos e me somou muita

poesia nos estudos, quem hoje me dá suporte e incentivo para realizar esse estudo que leem. Paralelo a esse mergulho, foi momento que aprofundei também nos estudos das plantas, um deles pelo projeto de extensão “Curso de *Cannabis* Medicinal” da Universidade Federal de São Paulo, onde para concluirmos o curso entregamos um trabalho de formato livre, e envolvendo os dois assuntos que me vibravam mais nesse momento, tive a audácia de ainda engatinhando nos estudos astrológicos, fazer uma leitura celeste da lei de proibição do pito de pango, nome usado para maconha em 1830. Seria então esse trabalho uma volta ao tempo, onde revisito com mais substância e profundidade aquilo que me instigou logo no começo da caminhada, porém a escrita foi tomando vida e forma por outros lugares. Tinha há alguns anos comprado um livro que nunca havia conseguido espaço para ler com a atenção que necessitava, essa era minha primeira referência para este trabalho, *Pedras, Plantas e Animais: As formas de classificar os seres, no Lapidário de Afonso X, o Rei Sábio (1221-1284)*, de Carlinda Maria Fischer Mattos, imaginava que a partir dele poderia encontrar mais pistas para realizar a associação da maconha dentro do mapa astrológico da proibição e depois seguir a leitura dos muitos mapas que compuseram esse cenário. Fui encantada pela temática das classificações dos seres e a poesia que os textos antigos carregam, terminando por ser essa minha pesquisa, de recorte em recorte me pus a levantar as associações astrológicas da maconha ao longo do tempo, mas para isso fui longe em Aristóteles procurar o princípio dessas associações, passando por alguns autores e estudos que se formam especialmente na cultura erudita medieval e renascentista.

Esse trabalho está composto por duas partes principais, na primeira busco contextualizar um pouco da história da Astrologia e seu caminho da Mesopotâmia até a Grécia, apresentando o estudo como um todo, contando um pouco sobre a filosofia aristotélica e sobre a tradução do Lapidário de Afonso X, sendo essa apenas uma pequena passagem para contextualizar e abrir caminhos. Em seguida, os convido a viajar pelo pensamento de Aristóteles, tendo como referência principal seu trabalho *Sobre a alma*, começamos a busca pela fonte da classificação dos seres dentro do pensamento Ocidental. Logo partimos as qualidades primordiais e os quatro Elementos, onde compartilho também a tabela de Ptolomeu de suas associações planetárias, para a partir disso aprofundarmos na classificação dos seres vegetais, que já anuncia a segunda parte. Finalmente a segunda parte é dedicada a *Cannabis*, onde para anunciar sua chegada passamos por sua história acompanhando a humanidade, para então suas associações astrológicas, que para tanto trago duas literaturas, o livro *Picatrix*, de Maslama Ibn Ahamad Al-Mayriti (970) e *As Plantas Mágicas: Botânica Oculta* de Paracelso (1498).

PRIMEIRA PARTE

1.1. PINCELADA PELA HISTÓRIA DA ASTROLOGIA

O sistema astrológico vem de longa data, atribuímos sua primeira sistematização completa a Marcus Manilius (século I a.C.), sendo de muito antes sua origem, no território da Mesopotâmia com o mapeamento dos corpos celestes, que se data algo entorno a 3 mil anos a.C. e ocorre conjunto a sedentarização dos povos, nos arredores dos rios Eufhrantes e Tigris, ainda no período neolítico. Nesse território temos os primeiros observatórios astrológicos, sendo o mais conhecido Zigurats, localizado onde é o atual Iraque, ali se dá primeiro mapeamento do céu, pelas distâncias entre estrelas e diferenciação dos planetas, chamados de estrelas errantes – possuindo um caminhar independente as outras estrelas do firmamento – temos também o primeiro documento astrológico babilônico Enuma Anu Enlil, série de 68 tábuas com presságios interpretando os fenômenos celestes. Quando esse conhecimento chega à Grécia, já no período Helenístico, muitas coisas são adaptadas e se fundam as bases para o sistema astrológico que utilizamos até os dias de hoje, especialmente pelos encontros dos saberes astrológicos babilônicos com a teoria dos humores de Hipócrates, médico e pensador, e a síntese da estrutura do cosmos e as quatro qualidades primordiais de Aristóteles. Astrologia antiga era tema sério, sendo uma confluência da cosmologia e da ética, fundamentos para a filosofia antiga (PINHEIRO e MACHADO, 2018)¹, desta forma conhecimento amplo e profundo sobre a vida como um todo.

Minha pesquisa se dá sobre um interesse nesses fundamentos básicos que entrelaçam céu e seres terrestres, em especial as plantas, e ainda mais especificamente a *Cannabis*. Dentro da Astrologia tudo tem sua analogia, pois se busca no espelhamento entre o céu e a terra as narrativas mundanas mais múltiplas para fins diversos. Desde o mapa celeste podemos navegar pela história pessoal de algum indivíduo, como também de um território específico, do nascimento de um projeto pessoal ou de um projeto de lei, do lançamento de um álbum ou do princípio de um adoecimento, ainda um auxílio para

¹ PINHEIROS, Marcos Reis. MACHADO, Cristina de Amorim. *O Tetrabiblos de Ptolomeu: tradução comentada dos capítulos filosóficos e estudo sobre o texto e seu contexto cosmológico*. Eduem, 2018

plantação, uma previsão meteorológica, uma orientação oracular e por aí vai. A leitura e interpretação dos astros têm o poder de poetizar histórias e acontecimentos, assim como de projetar e prevenir perigos, desafios, conquistas, sejam do âmbito pessoal ou coletivo. O céu, desde a Astrologia, tem como centro a perspectiva terrestre, unindo aqueles que compartilham de um mesmo território e assim de um mesmo céu, podendo se ampliar a movimentos globais, com acontecimentos celestes que podemos observar em toda faixa transcontinental, ou se recortar em territórios específicos e acontecimentos de cunho individualizado. Na Astrologia tratamos dos nascimentos, sejam de pessoas, movimentos ou até mesmo perguntas, para geração de um mapa, na qual, pela tradução e interpretação do astrólogo, construímos e projetamos narrativas na busca de sentido e orientação para vida.

Para podermos articular tais espelhamentos entre céu e terra é necessário um estudo da sutileza da vida, aquilo que Aristóteles coloca como a alma do mundo, dos seres e de cada coisa. Voltamos assim num debruçamento para esse princípio que cruza cosmologia e ética, que desde a observação atenta busca a natureza primordial do pulsar do cosmos. Sendo assim, a base dos estudos astrológicos é primeiramente a filosofia. Só partindo do entendimento destas naturezas primeiras é que conseguimos criar analogias e sentido para uma associação com os elementos principais do sistema astrológico: as casas, os signos, os planetas, as estrelas e os aspectos, cada qual também portadores de uma natureza própria a serem estudadas em profundidade, atrelados aos mitos e aos deuses.

Tenho como ponto de partida a pesquisa de Carlinda Maria Fischer Mattos, doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sobre as formas de classificação dos seres no Lapidário de Afonso X (1221-1284). Afonso, o “Rei Sábio”, nasce em Toledo, Espanha, em 1221 se torna conhecido pelo projeto de centralização do poder real, estando envolvido durante toda sua vida em grandes lutas contra os muçulmanos na Península Ibérica. Afonso ergue um completo sistema de leis que efetivam uma política de uniformização, além disso, e o que mais nos interessa aqui, seu papel como governante é marcado por sua grande atividade no plano dos saberes, reativando as universidades de Salamanca, Valladolid e Sevilla, sendo responsável pelo mando de diversas traduções de obras. Assim se dá o encontro dos cristãos ocidentais com um complexo conhecimento matemático, astronômico, astrológico e mágico, onde a maior parte dos textos traduzidos diz respeito à Astronomia e Astrologia, nesse momento também acontece um reencontro do ocidente com a filosofia da Grécia Antiga, já que durante a Idade Média e o Renascimento muitos livros haviam sido destruídos, tendo os pensadores árabes como responsáveis pela preservação de grande parte desses saberes.

Sendo assim, podemos entender essa marcação histórica como uma primeira tradução e

releitura dos saberes antigos pelo agora ocidente, trago, dessa forma, a história da Astrologia como companheira para poder navegar sem medo no mundo das classificações, provando não só as correspondências, mas entendendo também como estudo vivo, que está implicado e em conversa todo o tempo com o onde e quando acontece.

1. 2. ARISTÓTELES

A classificação e associação dos seres sublunares – nomenclatura usada para designar aquilo que se encontra abaixo da esfera lunar, ou seja, aquilo que é natural do mundo terreno – aos corpos celestes é o cerne da questão para pensar como observar os corpos vegetais dentro da Astrologia e dos mapas astrológicos, e mais especificamente como a planta da maconha foi sendo associada aos astros ao longo da história.

Tudo parte da observação da natureza, criando sentidos e associações entre os corpos. Forma e alma são um mesmo ser, indissociáveis entre si para Aristóteles, pai das classificações do Ocidente. Se torna necessário afinar nossos sentidos para perceber tais correspondências, que são compostas pelas características da matéria e forma. Para tal são desenvolvidos sistemas de entendimento da “Alma do Mundo” e sua leitura e associação pelos astros. O filósofo antigo muito se debruça ao entendimento do que uma coisa é e do que faz com que seja essa e não outra, qual a essência, sua natureza, sua alma. Esses estudos antecedem Aristóteles, mas é ele quem cria algumas sistematizações que são abraçadas pela medicina antiga. Hipócrates se utiliza das qualidades primitivas para pensar os quatro elementos, base para o diagnóstico e fazer médico, e também fundamento para as ciências em geral, e o desenvolvimento da biologia e botânica a partir de uma classificação dos seres.

Segundo Aristóteles, matéria e forma são coisas diferentes, porém estão associadas nos entes materiais. Sendo a matéria um princípio passivo, que efetiva a união das partes na materialidade, enquanto a forma se parece a algo mais como uma substância, a causa primeira da existência de um ser, à forma são atribuídas as qualidades primordiais, sendo elas características tais como Úmido, Frio, Quente e Seco, que faz as coisas e os seres o que de fato são. Seria então o princípio ativo, aquele que qualifica a matéria. A alma seria a forma de um corpo natural, que marca, reúne, atrai e se faz uma com a matéria que organiza, assim forma e matéria ou corpo e alma são um todo em si, que quando separados se comportam como elementos, fazendo com que o todo desapareça, sua junção ultrapassa a

soma das partes, é esta sua essência.

A classificação entra na reunião de seres segundo suas semelhanças e separação segundo suas diferenças, o princípio ativo associado à forma qualifica a matéria, no sentido que define o tipo de planta, animal, pedra etc. Identificando esses atributos essenciais, que definem que tipo de coisa uma coisa é, se firmando em como se constituem os seres e a partir e junto a isso que lugar ocupam no ‘mapa’ da organização do cosmos. A classificação se dá de forma complexa, e para separação e reunião da matéria. O filósofo utiliza o termo gênero, espécie, e por aí vai, cada uma carregando uma lógica de aproximação e separação. A discussão sobre matéria e forma é longa e complexa, e seu desenrolar atualmente são múltiplos, como por exemplo a classificação científica dos seres vivos na biologia, como já mencionado anteriormente. Aqui nos interessa pensar sobre a alma e suas qualidades, para então adentrarmos nos elementos e suas associações divinas e astrológicas. Entendendo que a associação astrológica está ligada a essa busca de correspondência entre seres e coisas que compartilham qualidades, essas associadas aos planetas, que por sua vez são em si entidades, deuses, tendo em conta que matéria e forma são uno, sendo indissociáveis e presentificando seres únicos.

1.3. QUALIDADES PRIMORDIAIS

Todos os corpos possuem suas associações celestes, compostos pelos quatro elementos, mas anterior a isso, temos as qualidades primordiais – Seco, Úmido, Quente e Frio – como lugar primeiro de composição, que se juntam e brindam forma e alma aos seres. Esses seriam os princípios fundamentais de todo universo, representando também a base da dinâmica de todo o comportamento das substâncias: energia, densidade, resistência e maleabilidade, explicando a essência dos elementos e assim de toda matéria e mundo material.

Tudo tem o seu lugar marcado no mundo – peixes, aves, plantas, mas nem tudo do mesmo modo. O mundo não é feito de tal maneira para que os seres estejam isolados uns dos outros; há entre eles uma relação mútua em vista de um só fim. O mundo é como uma família [...]. O princípio da missão de cada coisa no universo é a sua própria natureza.(ARISTOTE, 1953, L XIII, 10, 107a16-23) ²

2 Citação aparece em MATTOS, Carlinda Maria Fischer. **Pedras, plantas e animais: as formas de classificar os seres, no Lapidário de Afonso X, o Rei Sábio (1221-1284)**. Curitiba, Appris, 2021. p.75.

No entendimento da natureza primeira temos as qualidades, responsáveis pela forma, e também o que lhes atribui movimento e matéria. Manifestados em forças opostas, se manifestam em contraste. O eixo Quente e Frio é associado ao conceito de energia, sendo princípio de toda a dinâmica do sistema, seriam essas as qualidades ativas, que desde sua interação geram dois novos polos, Úmido e Seco. Essas últimas, geradas pelas qualidades ativas, são denominadas qualidades passivas e são ligadas ao conceito de forma física, atreladas a matéria.

Deste modo, torna-se claro que todas as outras qualidades se reduzem às quatro primeiras e que estas não podem ser reduzidas a menos. Com efeito, nem o quente é o que é húmido ou o que é seco, nem o húmido é o que é quente ou o que é frio, nem o frio e o seco são dependentes um do outro, nem tão pouco o são do quente e do húmido, pelo que estas qualidades são necessariamente quatro.³

Segue abaixo uma tabela feita por mim, onde reconheço algumas características da natureza de cada qualidade para melhor compreensão:

QUENTE	FRIO	SECO	ÚMIDO
Expansão	Contração	Rígido	Flexível
Movimento para fora	Movimento para dentro	Delimitável	Etéreo
Ação	Recepção	Coesão	Fluidez
Aberto	Profundo	Fechado	Instável
Impulso	Inércia	Denso	Permeável
Luminoso	Escuro	Resistente	Adaptável
Leve	Pesado	Áspero	Suave
Irradiante	Absorvente	Duro	Plasticidade

Desde as qualidades primordiais se derivam outros pares de forças opostas que dão movimento ao Universo, também a partir delas que estabelecem as associações em classe, gênero etc., assim como as associações astrológicas. Sendo quatro as qualidades primordiais, entre elas dois pares de opostos, assim impossibilitados de combinação, pois algo não pode ser Seco e Úmido ao mesmo tempo, suas possíveis junções são também em pares e quatro, Quente - Úmido, Quente - Seco, Frio - Seco e Frio -

3 ARISTÓTELES, Sobre a Geração e a Corrupção, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009. p.130

Úmido, constituindo desta forma os quatro elementos, respectivamente, Ar, Fogo, Terra e Água. Os elementos são constituídos assim por duas qualidades, uma ativa e outra passiva, e são eles que atribuem o corpo a tudo aquilo que conhecemos, a seguir uma nova tabela elaborada por mim para melhor compreensão de suas características:

FOGO	ÁGUA	TERRA	AR
<i>Quente + Seco</i>	<i>Frio + Úmido</i>	<i>Seco + Frio</i>	<i>Úmido + Quente</i>
Superficial	Profunda	Estável	Disperso
Expansivo	Lenta	Pesada	Ágil
Firme	Permeável	Duro	Adaptável
Invasivo	Agregadora	Resistente	Moldável
Transforma	Contraí	Permanece	Penetra

Esse sistema tende a se complexificar por meio da composição e assim sua simpatia pela atração, bem como repulsão pela antipatia, que se envolvem pela semelhança e pela diferença, ou seja, quando lhe atribuímos movimento. Cada elemento possui uma qualidade primordial que lhe sobressai, também se combinam pelos pólos opostos de passivos e ativos, além do compartilhamento de qualidades, que lhe atribuem semelhanças e diferenças e ainda pela associação ao masculino (Fogo e Ar) e feminino (Terra e Água). A chave para o entendimento das correspondências é de conhecimento oculto, por se tratar de algo que muitas vezes ultrapassa a observação empírica, é também sutileza da alma que se relaciona com outras e com a “Alma do Mundo”. É necessária uma observação ambientada, já que é a partir das interações que podemos reconhecer as afinidades naturais das essências dos corpos. O ambiente também se mostra importante como fator accidental, sendo a ele também atribuída sua relevância e poder, podendo ser fator de transformação da forma. Não sendo fator alheio à classificação, os seres se inserem em sistemas de mundos que criam alinhamentos por semelhanças e diferenças, as condições ambientais influenciam e são influenciadas pelos seres que aí habitam, numa dança cósmica que se movimenta em frequências e ritmos ditados e em relação aos corpos que aí se presentifica, sendo os atravessamentos propostos uns pelos outros por atração e repulsão, base para entender suas naturezas. Guardemos essa informação sobre o ambiente ser fator de influência accidental nos corpos para mais adiante.

Seriam então os elementos as forças a partir das quais os planetas atuariam sobre a Terra, e

possuindo eles próprios suas associações, delimitadas tanto pelas poucas características possíveis de serem observadas a olho nu, como da observação do movimento celeste em relação aos acontecimentos terrenos, e sua associação, assim, com os deuses da Grécia Antiga. As associações a seguir são baseadas nos estudos e escritos de Ptolomeu, filósofo e polímata grego que viveu por volta do século II depois de Cristo, autor do que pode ser considerado o tratado astrológico mais sistemático da antiguidade⁴.

SATURNO	Seco + Frio	Terra
JÚPITER	Úmido + Quente	Ar
MARTE	Quente + Seco	Fogo
SOL	Quente + Seco	Fogo
VÊNUS	Úmido + Quente / Frio + Úmido	Ar / Água
MERCÚRIO	Seco + Frio	Terra
LUA	Frio + Úmido	Água

1.4. DA CLASSIFICAÇÃO DOS SERES VEGETAIS

Para Aristóteles, à alma seriam atribuídas algumas faculdades, a alguns seres seriam atribuídas todas as faculdades, a outros apenas uma, esse seria o caso das plantas. As plantas teriam sua alma de faculdade vegetativa, pela ação desta acontece a nutrição e reprodução. Esta faculdade é comum a todos os seres vivos, sendo de carácter elementar, por meio dela a alma dá impulso ao movimento, sendo a nutrição, crescimento e reprodução sua natureza. Nesta faculdade também se estabelecem limites, ela que transforma, que faz o que é a princípio dessemelhante em algo semelhante, por exemplo, no corpo humano por meio do alimento que se torna assimilável na digestão ou então uma semente que ao brotar nasce planta.

Existem quatro diferentes tendências que estabelecem lógicas de categorização, essas sempre pela junção de semelhanças e separação por diferenças. A primeira tendência atribui um sentido de classificação a partir das propriedades físicas observadas, a segunda estabelece seus estudos do ponto de vista das virtudes mágicas, uma terceira corrente vincula os estudos de magia ao saber astrológico, e

4 PINHEIROS, Marcos Reis. MACHADO, Cristina de Amorim. *O Tetrabiblos de Ptolomeu: tradução comentada dos capítulos filosóficos e estudo sobre o texto e seu contexto cosmológico*. Eduem, 2018

ainda existe uma quarta corrente de origem judaico-cristã de carácter mais alegórico. Estas três primeiras possuem aspectos mais práticos, ancorados a partir das ideias de simpatia e antipatia entre os seres e as coisas, bem como das junções das partes inseridas num sistema de mundo, sendo sempre um entendimento de um todo, não como uma fragmentação. Nesse todo, uno, é onde está a causa primeira da existência, a alma, desde Aristóteles, é a forma do corpo natural, sendo aquilo que atrai, soma, junta, e é una com a matéria que organiza, sendo forma que vivifica.

Mas há também os elementos de que estas partes se compõem: a casca, a madeira, a medula (nas plantas que a têm). Todas são homogêneas. Além destas, há as que as antecedem e de que elas se constituem, a seiva, a fibra, a veia, a carne. Esses são os elementos básicos (a menos que se lhes queira chamar princípios activos), comuns a todas elas. É neles que reside a essência das plantas e toda a sua natureza.⁵

A primeira tendência de categorização é marcada pelo livro “A História das Plantas” de Teofrasto (372 a.C. - 287 a.C.), filósofo e botânico grego é considerado o “pai da botânica”, sendo uma das primeiras tentativas conhecidas de sistematizar o conhecimento botânico. Sua abordagem é empírica e metodológica, apesar de se afastar de explicações mitológicas ou filosóficas, Teofrasto é sucessor de Aristóteles, utilizando em suas descrições as qualidades primordiais, e influenciando o estudo de plantas em várias disciplinas, bem como a medicina e a alquimia. De acordo com ele, “Há, em primeiro lugar, o húmido e o quente. De facto, qualquer planta, como qualquer animal, tem uma humidade e um calor congénitos, cuja redução gradual conduz à velhice e à decadência, e a perda total à morte e à secura”.⁶

Os vegetais, nas suas características de cor, textura, formato, tamanho e cheiro facilitam o reconhecimento da sua identidade, assim como de suas propriedades, por conta disso os estudos de Teofrasto na classificação botânica se demonstram tão valiosos também aos alquimistas e médicos que, nesse momento, se baseavam também na “Teoria dos Humores” de Hipócrates para entender a propriedade das plantas. O autor se utiliza dos elementos e temperamentos para diagnóstico, bem como do uso de plantas para tratamento. Seus efeitos, usos médicos e práticos atribuem com mais um fator na hora de entendermos sua natureza, complexificando suas relações complexificamos também sua

⁵ TEOFRASTO. **História das Plantas**. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016. p.61.

⁶ TEOFRASTO. **História das Plantas**. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016. p.63

classificação. Mais tarde temos outros grandes estudiosos de plantas tais como Diocles, Crateus e Dioscórides, estes têm um interesse mais farmacológico sobre elas, focados mais em suas propriedades de cura.

Entendendo assim o contexto e caminho que fazemos para pensarmos as associações aos seres vegetais, onde essas partem de uma compreensão sobre sua natureza, sendo essa observada tanto por suas características físicas, como ambientais, onde ela se encontra, como é o terreno, clima, etc. Depois de Teofrasto foi se criando um vocabulário mais cientificista, que presava por uma espécie de neutralidade que acompanha o desenvolvimento do que entendemos como técnica no Ocidente dos tempos atuais, algo como uma mecanização do olhar sobre um objeto. A discussão assim se afasta da busca pela essência, a natureza de cada planta, e caminha para um olhar técnico científico.

SEGUNDA PARTE

2. 1 SOBRE A MACONHA

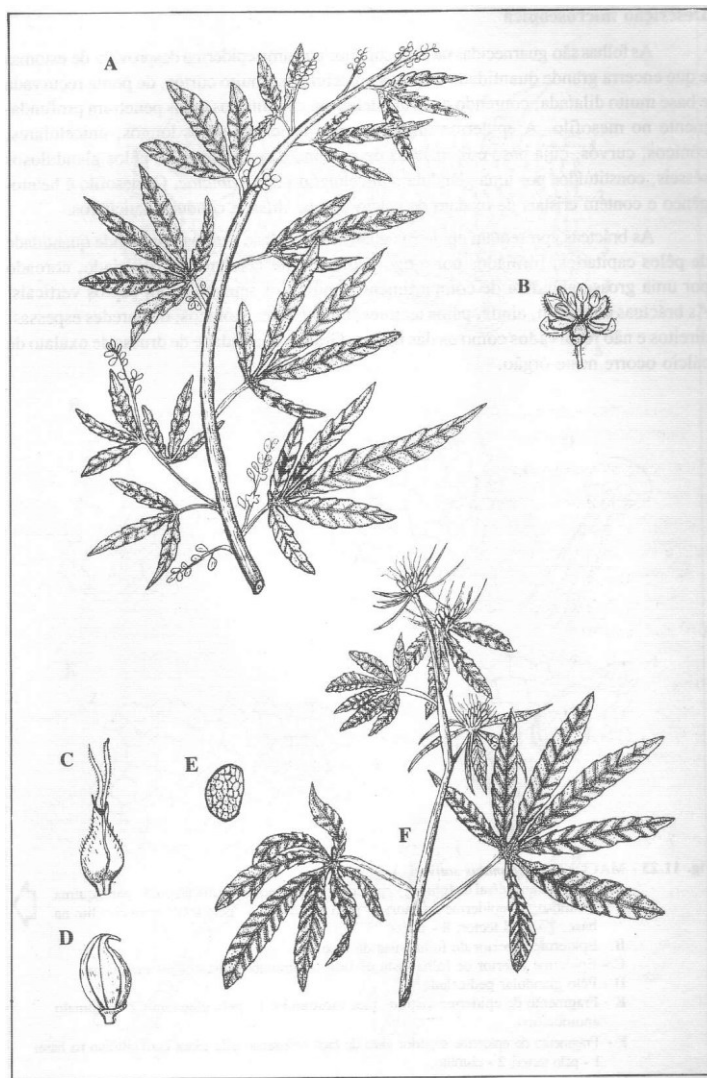


imagem retirada do livro **Farmacognosia**, Fernando de Oliveira, Gokithi Akisue e Maria Kutoba Akisue, Editora Atheneu, 2014.

Acima uma ilustração da Cannabis retirada do livro Farmacognosia, de Fernando de Oliveira, Gokithi Akisue e Maria Kutoba Akisue, ali podemos ver características de suas folhas, caule e inflorescência. Vale tentarmos uma descrição pelas qualidades primordiais e pelas características físicas da maconha, a fim de também dar corpo a tais associações. Para isso é bom saber um pouco de sua história já que aqui buscamos conhecer sua alma, sua natureza e sua divindade. Na história é planta antiga, de muita caminhada pelo tempo, com fósseis datados de 38 milhões de anos no território do Cazaquistão, estando junto aos humanos já na Era Glacial, Ásia Central, há aproximadamente 12 mil anos, onde se entende que foi o princípio de sua domesticação, assim chamada por ter seu cultivo

cuidado, selecionado e estudado pela humanidade. Sidarta Ribeiro, cientista e neurologista, durante uma aula de extensão da UNIFESP, a associa à domesticação dos cachorros, entendendo que os dois seres são espécies que acompanham os humanos ao longo do tempo e por eles foram cuidados e selecionados para auxílio na sua sobrevivência comunitária no momento de sedentarização, sendo assim, a maconha é companheira nata dos seres humanos, junto aos cachorros.

Na sua história passa também a religião, foi matéria-prima para a primeira Bíblia escrita, feita com cânhamo, e nela também aparece nos escritos, que se perderam muitas vezes pela tradução imprecisa, se acredita que teve passagem no Êxodo (30: 22-25), em Salomão (4:08 a 4:14 e 23:23 a 43:24), Ezequiel (27:19), Jeremias (6:20) e também nos Cânticos (4:8-15). No Hinduísmo está no livro Atharva Veda como uma das 5 plantas sagradas, sendo ligação do céu com a Terra, no Xintoísmo no Japão, foi matéria-prima para uma espécie de véu para as mulheres que se casavam, já no Taoísmo temos a Deusa Magu, Donzela da *Cannabis*, associada à vida e sua prolongação⁷. Um pouco mais perto, no México, Maria Rosa, pelo povo Otomi e povo Tepehua, entre eles alguns associam a planta a divindade da água, outros a Virgem de Guadalupe, também a chamam “medicinita”, é celebrada junto a festividades do ciclo agrícola e na terapêutica, é mastigada e usada em cataplasma, uma espécie de pomada. O poder que possui esta planta sagrada alcança dimensões muito amplas, pois permite ver o mundo outro e se comunicar com forças divinas⁸. Chega em território brasileiro o apelido carinhoso de Santa Maria, usado popularmente, é consagrada pelos indígenas de toda Amazônia, sendo conhecida pelo povo Shanenawá e povo Huni Kuni como Chorú, ajuda a relaxar e a sentir o pulsar da natureza.⁹

A maconha começa a ser perseguida pelo mundo afora, a onda de proibições se dá no Cairo, Egito, em 1800, e logo no Rio de Janeiro, Brasil, 1830, época essa marcada por revoltas contra coloniais intensas. Esse período precede a formação dos Estados-Nação no território da América Latina, e é também intensificação das invasões ao território africano, sendo a sua perseguição atrelada também aos povos da terra, aos povos de território, às populações originárias e as já sequestradas e realocadas de suas casas, as quais a cultivavam e faziam seu uso parte de sua cotidianidade. Foi planta aliada aos que resistiam, seja para diversão, relaxamento, cura ou religiosidade, dessa mesma forma associada pelos que dominavam e impunham servidão, como algo a ser combatido, pois ali os povos de

⁷Referencias tiradas de aula com a farmacêutica e diretora científica do Instituto Jurema, Renata Monteiro, durante o curso de Cannabis Medicinal da UNIFESP em 2021.

⁸BAEZ, María de Lourdes. Congresso internacional **Plantas Sagradas en las Américas**, 2018. Disponível em: <https://plantas-sagradas-americas.net/programa/la-santa-rosa-la-medicinita-que-cura-el-alma-entre-los-otomies-orientales-de-hidalgo/>. Acesso em: agosto, 2025.

⁹Informação contada em Maio de 2024 por Ybá Shanenawá, Cacique da Aldeia Niawest, localizada na BR perto de Feijó, Acre.

resistência encontravam poder e força para existirem em um cenário que minava sua humanidade.

Em 1830, na cidade do Rio de Janeiro, então capital do Brasil Império, era época de muito tumulto na política, haviam poucos anos desde a independência do Brasil em 1822, independência quase burocrática e bem pouco prática, já que a coroa portuguesa estava instaladíssima no território e Dom Pedro I como, nada menos que, Imperador do Brasil, tratando de gerenciar a crise.

Nesse momento já passamos por mais de trezentos anos desde as invasões, trezentos anos de matança dos povos indígenas locais e dos negros sequestrados de África e trazidos como escravos para construção do novo mundo. Trezentos anos de tentativas de catequização e extermínio ancestral desses povos, de suas crenças e saberes, para um domínio enraizado do território.

O plano colonizatório foi lento, estratégico e cruel, ele permeou as vísceras dos povos que visava exterminar, utilizou da terra como fonte inesgotável e a serviço da humanidade, e se estabeleceu pela soberbia de leis muitas vezes generalizadas, mas muito bem direcionadas à parcelas específicas da população. Essas leis, que em um princípio eram claras ordens vindas da Europa, dos colonizadores, com claro intuito de extrair daqui e levar para lá, foram adquirindo com o passar do tempo linhas dúbias. O inimigo foi sendo internalizado e se tornando invisível dentro das linhas da constituição, essas leis sempre tiveram destino claro, controlar corpos, não todos os corpos, mas aqueles marginalizados e violentados ao longo dos séculos. Dentro desse contexto começa a se trilhar no Brasil e no mundo a primeira perseguição aos seres vegetais, sendo a *Cannabis* escolhida a dedo como representante da marginalização e resistência das plantas de poder por seu uso tradicional e popular entre as populações subalternizadas. Tal lógica, mais tarde, iria se expandir a outras plantas como a coca.

2.2 DAS ASSOCIAÇÕES ASTROLÓGICAS A MACONHA

Como mencionado anteriormente, para estudo da botânica e farmácia dentro do sistema astrológico me aventurei pela leitura de Carlina Maria Fisher Mattos, que fez estudo meticuloso do Lapidário de Afonso X, o Rei Sábio (1221-1284), mesmo responsável por ordenar a tradução do famoso livro de magia *Picatrix*. Apesar de se tratar de um lapidário, sendo principalmente sobre o uso dos minerais, a obra se aprofunda na lógica de classificação dos seres que vimos acima, bem como da contextualização, filosofia e do encadeamento de pensadores sobre o assunto. Em um momento de seu trabalho, Mattos traz os estudos de Horance Nunamaker (1939), onde o autor se debruça sobre as

origens do Lapidário de Afonso X, buscando as influências diretas e indiretas de fontes dentro do texto. Nunamaker adentra em outro nível de compreensão dos escritos quando trata de rastrear aquilo que fica ocultado por uma forma de expressão mais vaga, buscando assim quais são seus ancoramentos, entendendo estes como contextos ambientados. Partindo disso, a autora nos traz o pequeno tratado *Das águas, dos ares e dos lugares*, de Hipócrates, que contempla uma diversidade de influências combinadas responsáveis pela constituição dos corpos, dos povos, das cidades, dos seres, etc.

Hipócrates considera a disposição das cidades segundo os ventos que ali sopram, as águas que as servem, os climas que as temperam, os impactos que as mudanças das estações imprimem, a influência particular que exercem os astros no céu.¹⁰

Em meio a essas partilhas de outros autores, Mattos traz ao leitor uma discussão não menor sobre o entendimento dos corpos, cidades, povos dentro de um sistema que se altera, que se afeta e é afetado por onde, como e quando está inserido. A autora indaga assim uma série de perguntas que as tomo como transversais aos meus estudos e investigação:

Afinal, até que ponto essas alterações mudam a constituição de um ser? É possível que, em meio à gama de variações possíveis das combinações dos elementos, seres de uma ‘humanidade’ diferente sejam gerados? Até que ponto circunstâncias ambientais podem mudar a natureza de plantas e animais?¹¹

Tal indagação me faz refletir sobre se as associações seriam símbolos universais, sendo fixas ao longo do tempo e independente ao território. Dentro dos estudos astrológicos temos os significadores naturais e os acidentais, os naturais seriam aqueles de mesma natureza, ou seja, de almas parecidas, simpáticas e atrativas entre si, ainda podendo ser idênticas em respeito às qualidades primordiais. Um exemplo seria a Lua como significador natural da mãe e o Sol do pai, assim como Júpiter da religião e Saturno da agricultura. Os significadores acidentais dizem respeito aqueles que acidentalmente representam determinado tema dentro de um Mapa Astrológico, ou seja, o regente da Casa que trata do

10 MATTOS, Carlinda Maria Fischer. *Pedras, plantas e animais: as formas de classificar os seres, no Lapidário de Afonso X, o Rei Sábio (1221-1284)*. Appris, 2021. página 93.

11 MATTOS, Carlinda Maria Fischer. *Pedras, plantas e animais: as formas de classificar os seres, no Lapidário de Afonso X, o Rei Sábio (1221-1284)*. Appris, 2021. página 98.

assunto que buscamos tratar, um exemplo seria um Mapa com a Casa 9 abrindo em Gêmeos, tendo seu significador accidental Mercúrio. Esses significadores accidentais se relacionam então com os territórios, já que as Casas dizem respeito a parte mundana do Mapa Astrológico, determinadas pelas coordenadas espaciais terrenas de onde o céu é analisado. Não deixamos de olhar o significador natural, mas lhe atribuímos mais informação com o significador accidental. Nesse exemplo, sendo esse um Mapa de Natalidade, imaginemos que esse Mercúrio está em conjunção a Júpiter, na Casa 4, podemos pensar que a religião é algo muito importante dentro da família, podendo ter dentro de casa uma autoridade religiosa, mesmo que o nativo em si não se identifique com nenhuma religião específica e transite entre muitas crenças, isso claro se for de relevância para a vida do nativo a religião, podendo ainda dizer respeito a Juízes, Advogados ou promotores legais, ainda professores universitários, sempre quando isso apresente traços de uma verdade maior que é propagada.

Ao longo da história os significadores naturais foram sendo atribuídos por diferentes astrólogos, que partindo da filosofia buscaram a natureza de cada coisa para gerar uma associação, comprovando pela prática astrológica mesma. Tais significadores foram sendo validados ou refutados pela prática de outros astrólogos ao longo do tempo, existindo também co-regências, onde se firmaram pelo uso, dois planetas como significadores naturais, se associando a um ou outro a depender do mapa analisado. A seguir levanto duas referências da literatura astrológica mágica que atribuem a planta da Cannabis significadores naturais diferentes, justificando tais atribuições, ainda que em nenhuma das duas tenham se detido a uma elucidação prática em que comprovem tais associações.

2. 3 PICATRIX

Picatrix foi importante livro de magia antiga, composto por 4 livros com instruções detalhadas das artes da Astrologia, magia talismânica e contato com o “Reino Astral”, originalmente escrito em árabe, com o título de Ghāyat al-Hakīm, traduzido como “A intenção do Sábio” ou “A Meta do Sábio”. Quem assina o livro é Maslama Ibn Ahamad Al-Mayriti, com a data de 970 da Era Cristã, ainda assim os estudiosos, na sua maioria, acreditam que provém do século XI e alguns argumentam pelo século X. O autor, Al-Mayriti, afirma reunir obras de mais de 200 sábios antigos da região da Mesopotâmia, tendo sido um livro condenado e proibido ao longo dos séculos, que sobreviveu sendo passado de mão em mão. Ali se reúne também ingredientes de lugares como China e Índia, mostrando que passou por um grande território. O livro foi traduzido durante o reinado do rei Afonso X, o *Rei Sábio* no século

XIII, para o espanhol e logo para o latim. Nesse momento começa a ser chamado como *Picatrix* e termina por ser referência fundadora da tradição mágica ocidental.

O estudioso de *Cannabis* e magia, Chris Bennett, historiador, canadense e ativista canábico, autor do livro *Liber 420: Cannabis, Magickal Herbs and the Occult*, e de inúmeras matérias no site *Cannabis Culture*, recorta algumas passagens do livro *Picatrix* trazendo a associação astrológica da *Cannabis* com a Lua. As passagens se tratavam de instruções e rituais mágicos, onde a planta da *Cannabis* era mencionada, neles o uso da planta por inalação de fumaça se mostrou bem comum. Nos textos, o posicionamento da Lua no momento do ritual se mostra de extrema importância, e para além de evidenciar com qual signo se vestia e fazer menção a uma ritualística de oferenda lunar, a fumaça em si tem como significador natural a Lua. A fumaça, pela cor no geral acinzentada, pelo carácter de dificultar a visão ordinária dos olhos, embaçando o ambiente, dando um aspecto até onírico, é associada de forma geral pelos astrólogos a Lua, assim como os entorpecentes, a mudança de estado de percepção, afinal rainha da noite, do momento do sono, do sonho, sendo no escuro quando se vê melhor.

A cannabis indiana tem tantas funções e os indianos a usam principalmente em sua mistura de incenso que é usada nos templos e algumas pessoas a preferem mais do que as escórias do vinho e Yanbushath disse que também é chamada de semente chinesa. (Ghayat Al-Hakim [tradução para o inglês por Hashem Atallaj, 2002] aqui apresentada uma tradução livre para o português)¹²

O uso de incensos e fumaça era um dos principais métodos de uso de substâncias com efeitos de expansão de percepção, chamado de suluminação, a técnica era usada junto a orações e textos mágicos, se utilizando dos saberes astrológicos, a fumaça sobe de encontro aos deuses, funcionando como uma evocação. Sempre em um cruzamento de saberes junto aos astros, onde cada elemento no ritual tem sua função. As plantas são diretamente atribuídas aos planetas e utilizadas em conjunto com a Astrologia Eletiva, ou seja, dos posicionamentos do céu no momento de dado evento, cerimônia ou trabalho mágico. Nas menções de Bennett ao *Picatrix* aparece especialmente os posicionamentos e aspectos da Lua, que é, no geral, o ponto principal a se observar dentro da prática eletiva, já que caminha veloz, tendo o papel de levar as conversas de um ponto a outro, sendo grande conectora.

¹²BENNETTI, Chris. Cannabis Culture, 23 de Março, 2018. Disponível em: <https://www.cannabisculture.com/content/2019/03/23/the-cannabis-suffumigations-of-the-ghayat-alhakim-and-the-picatrix/> . Acesso em: Abril, 2025. Tradução livre pelo Google Translate.

Grandes milagres e grandes efeitos, de acordo com os hindus, estão em suluminações, que eles chamam de calcitarat, e com eles são trabalhados os efeitos dos sete planetas. Essas sufixações devem ser usadas de acordo com a natureza do planeta a que a petição corresponde. (Ghayat Al-Hakim [tradução para o inglês em (Warnock & Greer, 2015) tradução livre para o português]¹³

A defumação ritual exigia, muitas vezes, que o alquimista estivesse sobre os vapores ardentes pela alta temperatura da preparação e inalasse a fumaça em espaços fechados, fazendo parte da ritualística de entorpecimento. O propósito da maioria das práticas de defumação relatadas no *Picatrix* é estabelecer o contato com os espíritos planetários, sendo eles na Grécia Antiga associados aos deuses gregos, e trazendo a fumaça também como oferenda ao Olimpo, por sua qualidade etérea de ascensão aos céus. Se acreditava que a fumaça subia até o Olimpo, onde os deuses se deliciavam com os odores e perfumes defumados. Para realização das oferendas se vestiam com vestes tingidas da cor do planeta escolhido, durante as horas planetárias que lhe correspondiam, fazendo suas orações devidas e utilizando das plantas e animais que estão sob domínio e proteção da divindade planetária a qual se oferecia.

A maconha, assim, aparece em duas operações mágicas dentro do livro 4 da *Picatrix*, segundo capítulo, sendo utilizada para apaziguamento da Lua. O apaziguamento se refere a uma mitigação dos efeitos nocivos que a configuração planetária estaria carregada, geralmente praticada por meio de oferendas e rituais. Essas duas operações, no entanto, estão presentes apenas nas versões latina e espanhola do livro, não sendo encontradas na versão árabe sobrevivente do Ghayat AlHakim.

Como alguém pode falar com os espíritos da Lua, e primeiro, quando ela está em Áries. Quando você deseja atrair a virtude e o poder da Lua quando ela está em Áries, na hora em que ela está completamente ressuscitada, porque isso é melhor e mais útil para sua petição; naquela mesma hora, coloque uma coroa e vá para um lugar verde e aquoso perto das margens de um rio correndo ou água corrente. Leve consigo um galo com uma crista dividida, que você decapitará com o osso de outro galo, pois você não deve de forma alguma tocar esse galo com ferro. Vire seu rosto para a Lua, pois este é um grande segredo entre eles [Chalérculos e Egípcios]. Coloque na frente de si dois tutráveis de

¹³ BENNETTI, Chris. Cannabis Culture, 23 de Março, 2018. Disponível em: <https://www.cannabisculture.com/content/2019/03/23/the-cannabis-suffumigations-of-the-ghayat-alhakim-and-the-picatrix/> . Acesso em: Abril, 2025. Tradução livre pelo Google Translate.

ferro cheios de brasas ardentes, em que você deve lançar sucessivamente grãos de incenso, de modo que a fumaça sobe em direção à Lua. Então fique de pé entre os insintendentes e diga: “Vocês, ó Lua, luminosas, honradas, amáveis, que com a sua luz quebra as sombras, você sobe em sua elevação e enche todos os horizontes com sua luz e beleza. Eu venho a vós humildemente, buscando riquezas, pelas quais humildemente te peço”. Aqui declare a sua petição. Então dê dez passos para a frente, sempre olhando para a Lua e repetindo as palavras acima mencionadas. Leve um dos trevos com você, no qual você deve lançar quatro onças de tóxico.

Em seguida, queime seu sacrifício e desenhe as seguintes figuras em uma folha de cannabis com as cinzas do sacrifício e uma pequena quantidade de açafrão. Então queime a folha. Imediatamente, à medida que a fumaça sobe, você verá diante de você a figura de um homem bonito vestido com as melhores roupas, entre os tríveis, a quem você deve dirigir sua petição, e ela será cumprida por ele. A qualquer momento depois disso, quando você deseja perguntar algo a ele, repita o trabalho que acabamos de dar, e a forma acima mencionada aparecerá para você e responderá às suas perguntas.(Ghayat Al-Hakim [tradução para o inglês em (Warnock & Greer, 2015) tradução livre para o português]¹⁴

Essa primeira passagem traz a escrita e queima de apenas uma folha de maconha, sem a utilização da planta necessariamente para consagração por ingestão ou outra forma que gere maiores efeitos no estado de percepção. O autor Franz Hartmann, ocultista alemão e membro fundador do *Ordo Templi Orientis* escreve sobre o uso de sangue nos rituais como auxílio ao contato com o divino: “O sangue só era usado com o propósito de fornecer substância aos Elementais e Elementares, com a ajuda de que eles poderiam tornar seus corpos mais densos e visíveis”(HARTMANN, 1893). Podemos identificar no trecho a combinação da cannabis, com cinzas do galo sacrificado e o açafrão, isso sob a Lua em Áries, para a evocação de um espírito masculino, representante lunar. Os elementos do galo, assim como o açafrão, são associados astrologicamente ao Sol, o animal diurno que canta com seu nascer, e a raiz que lhe faz simpatia por sua cor amarela. Podemos pensar que tais elementos são simpáticos às qualidades Quente e Seco de Áries, mas e a cannabis? Ali aparece utilizada como suporte para a escrita da mensagem, sendo uma espécie de canal pelo qual se dá a comunicação com a Lua.

Vejamos a seguir a segunda passagem da maconha pelo livro *Picatrix*.

¹⁴ BENNETTI, Chris. Cannabis Culture, 23 de Março, 2018. Disponível em: <https://www.cannabisculture.com/content/2019/03/23/the-cannabis-suffumigations-of-the-ghayat-alhakim-and-the-picatrix/> . Acesso em: Abril, 2025.

Quando a Lua estiver em Peixes e você deseja aproveitar sua força e poder, pegue 725g de resina de cannabis e a mesma quantidade de resina de árvore plana e misture-os juntos. Extraia essas resinas enquanto o Sol está em Virgem e Mercúrio é luminoso e avança diretamente. Mova-os em uma argamassa de mármore. Quando isso for feito, adicione 120ml de goma mastique, 60ml cada um de âmbar e cânfora, 30ml de álcali e 300ml de sarcocolla. Misture tudo muito bem, ao que você deve adicionar 225g do sangue de um veado decapitado com uma faca de bronze. Quando tudo estiver misturado, coloque-o em um recipiente de vidro. Vá para uma mola de corrida e posicione o vaso de vidro em seu lábio externo. Em seguida, pegue um incensário e coloque-o em uma pedra no meio das águas da fonte, de modo que o incendeicioso seja inteiramente cercado por água. Então, acender um fogo nele. Uma vez que é aceso, abra a boca do recipiente de vidro e desempache o recipiente para o fogo pouco a pouco até que a coisa toda tenha derramado no fogo. Em seguida, faça o seu sacrifício. O servo da Lua aparecerá para você, a quem você deve declarar seu pedido. Isso será levado ao seu efeito.¹⁵ (Ghayat Al-Hakim [tradução em (Attrekk e Porreca, 2018) tradução livre para o português])

Nessa passagem de Lua em Peixes podemos identificar mais elementos associados as qualidades Úmida e Fria, como a utilização do vidro, da água, a cânfora por sua coloração branca também associada a Lua. As duas passagens trazem consigo também o uso do sangue animal e da fumaça, e a partir do uso ritual a aparição de um representante da Lua, essa aparição se refere a pareidolia, técnica antiga de magia, onde a fumaça é utilizada como meio para mirações de imagem do divino. Sendo a fumaça assim veículo de comunicação e fonte de inspiração.

De acordo com Renata Montero, farmacêutica e diretora científica do Instituto Jurema, dentro da religião Hinduísta a cannabis teria a função de ligar o céu com a Terra. Esta informação nos serve para pensar na Lua como significadora natural da maconha, na medida que por sua maior proximidade com nosso planeta, tem sua rotação sincronizada a Terra, podemos assim observar seus ciclos de forma mais rápida e direta, um exemplo claro seria nas marés e na sua utilização histórica dentro da agricultura. Dentro da Astrologia tais características se mostram na relevância do movimento lunar para qualquer tipo de análise, sendo a Lua principal agente analisado em técnicas como Progressões

¹⁵ BENNETTI, Chris. Cannabis Culture, 23 de Março, 2018. Disponível em: <https://www.cannabisculture.com/content/2019/03/23/the-cannabis-suffumigations-of-the-ghayat-alhakim-and-the-picatrix/> . Acesso em: Abril, 2025.

Secundárias ou Diretas, dentro da Astrologia Eletiva ou ainda na Astrologia Mundana onde se utiliza as Lunações para previsões sociopolíticas. Podemos observar então a Lua e a cannabis como veículo de comunicação do céu com a Terra.

2. 4 PARACELSO

Viajamos agora para o final do século XV, momento que já sucede as traduções do Picatrix, também viajamos de território, agora em Einsiedeln, cidade na Suíça, sendo seu nome traduzido para Nossa Senhora dos Eremitas. Ali nasce no dia 10 de novembro de 1493 o alquimista de nome de batismo Teofrasto, em homenagem ao pensador grego Teofrasto Tírtamo, de Éreso, este que mais tarde fica conhecido pelo nome de Paracelso, mais sábio que Celso, médico renomado do imperador Augusto. Nascido durante o período do Renascimento, se faz figura importante para a revolução médica, tido também como pai da toxicologia, seus pensamentos marcam a transição para a Idade Moderna.

Paracelso foi autor do importante livro *As Plantas Mágicas: Botânica Oculta*, ao qual mergulhei na busca da classificação dos seres vegetais e suas associações planetárias. O pensador nasce doente e a partir disso, começa sua caminhada com as plantas, junto ao seu pai Dr. Hohenheim, médico. Isso se dá em uma época em que a farmácia ainda não era prática reconhecida na Europa e os saberes médicos ainda andavam conjuntos à prática mágica, tendo uma iniciação conjunta dos conhecimentos médicos, filosóficos e religiosos, bem com as astrológicas. O alquimista começa seus estudos ocultos dentro da Igreja, enviado ainda jovem à escola dos beneditinos do mosteiro de Santo André, no Lavantal, território austríaco. Sendo discípulo e iniciado por Abade Trithemius, o qual afirmava que as forças secretas da natureza estavam confiadas a seres espirituais, ele foi bruxo reconhecido e ainda, por alguns, temido, sendo seus os primeiros escritos sobre o que hoje chamamos telepatia e magnetismo.

Os estudos de Paracelso tem grande base na filosofia hermética, mas além disso na sua fé protestante, esta era tida por ele como divisor de águas, usada para discernir os conhecimentos que adquiria, o aproximando e afastando de determinadas práticas por ele entendidas como perto ou distantes à Deus. Discernindo alimento mental e espiritual daquele impróprio e enganoso, para alcançar a união da sua alma com a divindade, só ali é onde se encontraria a cura e o poder de curar a outros. O médico alquimista entendia que o mundo das plantas está sob a influência dos planetas, e este teria

como finalidade concebida por Deus, alimentar e curar as doenças dos seres humanos. De visão antropocêntrica, Paracelso acreditava que o humano era centro da vida terrena, entendendo que os vegetais estariam aqui com a missão de nutrir a humanidade, sendo responsáveis por reparar suas forças orgânicas diminuídas. Da mesma forma que o pensamento coloca o humano como ser principal e centralizador da vida, também enxerga as plantas como grandes mestras, sendo elas o próprio médico, sábias das necessidades e das curas, e cabendo a nós humanos cultivá-las e cuidá-las.

Para tanto estabeleceu uma divisão dos Elementos – Fogo, Ar, Água e Terra – nos corpos animais, vegetais e minerais, estes estariam presentes em todo corpo, organizado ou não, sendo possíveis de serem separados, em laboratórios, por meio da prática alquímica. Paracelso, dessa forma, vai cunhando seu próprio pensamento sobre o funcionamento da natureza, onde podemos ver sua rejeição a tradição médica aristotélica e o princípio do que da microbiologia. Como colocam o tradutor Atílio Cancian de Paracelso, o alquimista identificava a mão de Deus em toda a natureza:

(...) nas entranhas das montanhas, onde os metais esperam a sua vontade; na abóbada celeste, onde *por meio Dele se movem o sol e as estrelas*; nas ribeiras, onde sua liberalidade derrama toda sorte de alimentos e a bebida para o homem; nos verdes prados e nos bosques, onde crescem miríades de ervas e de frutos benfazejos; nas fontes que proporcionam suas propriedades curativas¹⁶.

Por meio da união da alma humana com a alma divina procurava vencer as forças más, descobrir os arcanos da natureza, conhecer o bem e distinguir o mal, vivendo dentro da força divina. Sua medicina é fundada na natureza, sendo a própria natureza a medicina.

O alquimista entendia os elementares como portadores de espírito, sendo os do Fogo Acthnicí, do Ar Melosinea, da Água Nenufdreni e os da Terra Pigmaci, esses seriam os Dementais. Assim como chamava o corpo astral dos humanos Aventrum e o corpo astral das Plantas, Leffas. A magia do reino vegetal se encontra no centro do conhecimento do espírito das plantas, Paracelso atribui o nome de Silvestres aos habitantes dos bosques, e de Ninfas, aos das plantas aquáticas.

Para conhecer o mundo das plantas não apenas bastava estudá-las, mas também o Macrocosmo (Universo) e o Microcosmo (humanos). Para uma compreensão aprofundada do “Reino Vegetal”, o alquimista divide seus estudos em três partes, a Botanogenia, onde se debruça sobre os princípios

¹⁶ PARACELSO, As Plantas Mágicas: Botânica Oculta, tradução de Atílio Cancian, supervisão de Maxim Behar. Hemus, 1976, São Paulo, SP. p.10. grifo no original

cosmogônicos, a Fisiologia Vegetal, que estuda as forças vitais e a Fisiognosia Vegetal, que seria a ciência dos signos e das correspondências astrais, essa nos ensina a conhecer, por seu aspecto exterior, as forças secretas de cada planta. Seus estudos são fundamentados no conhecimento ocultista da época, em especial a filosofia hermética, sempre a partir de uma perspectiva da religiosidade protestante, a qual Paracelso era praticante, trazendo também em seus escritos trechos de livros antigos onde apareciam as plantas.

Prosseguindo na declaração de sua vontade, disse o Senhor dos senhores: A Terra fará brotar uma erva vegetativa e, produzindo um germe inato, uma substância frutuosa, dará seu próprio fruto, segundo sua espécie, e possuirá em si mesma seu poder germinativo; e assim foi feito. (MOISÉS, Sepher Bereschit de)¹⁷

O autor nos traz a ideia de três mundos, segundo a terminologia hermética, sendo a tríade base da criação do mundo, esta começa com a dupla de Fogo e Água, que na sua interação geram os dois outros elementares, aqui podemos observar a influência do pensamento aristotélico dentro do texto, ainda que o próprio autor o rejeite. Abaixo uma tabela elaborada por mim com algumas das características que o autor atribui os dois elementos primeiros:

FOGO	Ardente, seco, macho, puro, forte	Enxofre
ÁGUA	Cálida, fêmea, úmida, lodosa, impura	Mercúrio

No céu estes dois princípios trariam a geração das coisas, a luz e o calor, na Terra trariam a obscuridade, o frio e a putrefação. O terceiro Elemento que aparece na tríade é o Elemento Terra, descrita como matriz fria e seca, passiva, associada ao Sal, elemento mais sólido e denso. Cada criatura é formada pela força da tríade, é dentro do Elemental Terra que vemos a primeira descrição do autor sobre o Ar, como veículo de vida. As plantas como um todo seriam o veículo da primeira vida sobre o planeta, carregando em si símbolo de beleza, associadas naturalmente a Vênus e tendo por signo representativo a Espiral.

Um esboço da fisiologia vegetal, ou da constituição estática da planta, se dá a partir de cinco princípios de ação. Podemos a partir deles conhecer de maneira simples o complexo funcionamento do

¹⁷ PARACELSO, As Plantas Mágicas: Botânica Oculta, tradução de Atílio Cancian, supervisão de Maxim Behar. Hemus, 1976, São Paulo, SP. p. 15/ Sepher Bereschit de Moisés, primeiro capítulo, versículo segundo.

Reino Vegetal. Sendo os cinco princípios:

1.º — Matéria, formada por Água vegetativa

2.º — Alma, formada por Ar sensitivo

3.º — Forma, composta de Fogo concupiscível

4.º — Matriz, ou Terra intelectiva

5.º — Essência universal e primitiva ou Misto memorável, formada pelos quatro elementos que determina as quatro fases do movimento: a fermentação, a putrefação, a formação e o crescimento

O autor não só mergulha na formação da planta desde sua semente, entendendo como cada Elemento agrega para o brotar e crescimento da planta, mas também vê as ações dos sete Planetas sobre o crescimento das plantas, como podemos ver no trecho a seguir:

É sabido que as sete formas da Natureza exterior exercem na planta sua influência na seguinte ordem: Júpiter, Vênus e a Lua cooperam de um modo natural na ação expansiva de seu sol interior; Marte, porém, exagera dita expansão, de vez que este não é outra coisa senão o espírito ígneo do Enxofre, a vida mercurial se junta diante dele e Saturno chega à congelação e à corporificação deste turbilhão; é assim que se produzem os nós.

(...)

Em outros termos, o desejo da vida mercurial ou o Sal, encerrado em Saturno, luta desesperadamente, aquece-se e converte-se em Enxofre; este Enxofre dá um novo impulso a seu filho, o Mercúrio; este mostra tendência a expandir-se; e Vênus fornece a substância plástica dos brotos e dos galhos.

A FLOR. — O Sol domina aos poucos os excessos de Marte; a planta vai diminuindo de amargor; Júpiter e Vênus esgotam sua atividade e fundem-se na matriz da Lua; os dois Ens se unem, de modo que o Sol interior, a força vital da planta, recobra seu estado primitivo, passa ao estado de Enxofre e reintegra o regime da liberdade divina¹⁸.

Vemos assim que cada deus planetário é tido como responsável por cada ação terrestre, assim como, cada impulso no desenrolar da vida vegetal. “Os sete planetas encontram-se novamente no fruto e são eles que determinam seu sabor e aroma, esperando que Saturno venha fazê-lo cair sobre a terra

18 PARACELSO, As Plantas Mágicas: Botânica Oculta, tradução de Atílio Cancian, supervisão de Maxim Behar. Hemus, 1976, São Paulo, SP. p. 20

donde se ergueu um dia”(PARACELSO)¹⁹.

Paracelso enxerga em cada planta uma estrela terrestre, representando em conjunto a potência dos astros. Seus poderes seriam como propriedades celestes e estariam inscritos em sua fisionomia, sendo suas cores e formato das folhas informações importantes na hora de compreendermos sua correspondência planetária. O autor coloca três chaves, em suas palavras, diferentes pelas quais podemos acessar e conhecer melhor suas propriedades exteriores, assim como suas virtudes interiores, essas seriam: a binária, a quartenária (dos Elementos) e a septenária ou planetária.

Ao mesmo tempo que a união do fogo e da água se manifesta pela cor verde das folhas, a putrefação se localiza nas raízes e a sublimação, nas cores vivas das flores e dos frutos. Os grãos constituem a prisão das potências superiores e traçam com certa analogia a história da queda e o mito de Saturno devorando seus filhos.²⁰

A chave binária seria seu impulso primeiro, representado pelo grão de semente, sendo dele a primeira força geradora de toda planta. Fazendo analogia e poesia no entrelaçar do aspecto físico com sua essência e natureza, sendo elas os disparadores para o impulso primeiro que cada planta tem, trazendo com sigo sua história, onde as sementes voadoras são associadas ao vento, enquanto as de casco grosseiro a terra, tem ainda as que se encontram dentro dos frutos, banhadas por águas, as pontiagudas que buscam fincar na terra com a força de sua queda e por aí vai. Trazendo assim que “não existe um único ser que não manifeste, por sua forma exterior, a história do seu próprio nascimento”²¹.

A amêndoa do roble, por exemplo, de sabor azedo e acre, encerrada em sua bolota, indica que essa árvore teve que passar por um violentíssimo esforço por parte da resistência, esforço que seguramente visava aniquilá-la. Se, à semelhança deste exemplo, passamos a considerar agora a folha da videira, a pevide da uva e as propriedades do vinho, logo descobriremos que a água foi extremamente concentrada pela resistência na pevide, o que constitui causa de seu desenvolvimento tão abundante nos sarmentos.²²

A segunda chave sendo a quartenária, dos quatro Elementos e agregando a eles a quintessência,

19 PARACELSO, As Plantas Mágicas: Botânica Oculta, tradução de Atílio Cancian, supervisão de Maxim Behar. Hemus, 1976, São Paulo, SP. p. 21

20 PARACELSO, As Plantas Mágicas: Botânica Oculta, tradução de Atílio Cancian, supervisão de Maxim Behar. Hemus, 1976, São Paulo, SP. p. 24.

21 PARACELSO, As Plantas Mágicas: Botânica Oculta, tradução de Atílio Cancian, supervisão de Maxim Behar. Hemus, 1976, São Paulo, SP. p. 24

22 PARACELSO, As Plantas Mágicas: Botânica Oculta, tradução de Atílio Cancian, supervisão de Maxim Behar. Hemus, 1976, São Paulo, SP. p. 25.

cada um correspondendo a um dos cinco sentidos e cinco formas de movimento, revelando sua qualidade de vibração em nossos corpos. Sendo Terra relacionada ao cheiro, Água ao sabor, Ar ao tato e Fogo a vista, sendo o som a quinta, correspondendo ao espírito. Segue abaixo a tabela assim como colocada por Paracelso em seu livro:

	Perfume das flores	Sabor dos frutos	Cor das folhas ou flores	Forma da folha ou flores	Volume da planta ou flores
Plantas de Terra	Suave	Açucarado	Amarela	Ondulada	Pequeno
Plantas de Ar	Desagradável	Azedo	Azulada	Delgada	Muito alto
Plantas de Água	Nenhum	Ácido	Esverdeada	Trepadeira	Caule pequeno Frutos grandes
Plantas de Fogo	Penetrante	Picante	Encarnada	Retorcida	Médio

Associando também cada planta a um signo, entendendo cada signo como a mistura de dois elementares, segue mais uma tabela extraída do livro *As Plantas Mágicas*²³:

	FOGO	TERRA	AR	ÁGUA
ÁGUA		Touro	Gêmeos	Câncer
TERRA	Áries		Libra	Escorpião
AR	Leão	Virgem		Peixes
TERRA	Sagitário	Capricórnio	Aquário	

Dessa forma, ao se combinar as duas tabelas podemos entender de forma generalizada a qual signo cada planta estaria associada, bastando para isso uma observação atenta às características do vegetal. No livro aparecem pequenas descrições para cada uma delas, junto a um exemplo de planta a qual teriam regência e associação.

As plantas sob o signo de Câncer são frias e úmidas; a ÁGUA predomina nelas; são

²³ PARACELSO, *As Plantas Mágicas: Botânica Oculta*, tradução de Atílio Cancian, supervisão de Maxim Behar. Hemus, 1976, São Paulo, SP. p. 26.

insípidas, vivem em terreno pantanoso, produzem flores de cor branca ou cinza; suas folhas têm forma de pulmões, de fígado ou de baços; mostram manchas e cinco pétalas. Perfume: cânfora.²⁴

Assim como esta associação para cada signo, há também para correspondência planetária. Ao longo do livro se encontram diversas tabelas, para que se possa estudar as correspondências e fazer seus cruzamentos buscando a essência de cada planta. Ainda assim, a interpretação de cada astrólogo ou praticante de magia é de suma importância, para além dos estudos aos antigos que atribuem ancoramento e substância ao conhecimento, suas crenças e ética são transversais em seu pensamento e prática, sendo estes verdadeiro direcionador do caminho, sendo a filosofia o berço onde se funda a Astrologia. Assim como nas partes do corpo, cada planeta é governador de uma parte nas plantas, as folhas e o caule são grandes determinadores do planeta que a domina, mas em todo vegetal é Saturno que governa as raízes, Mercúrio a semente e a casca, Marte o lenho, tronco forte, as folhas correspondem a Lua, as flores a Vênus, restando os frutos à Júpiter, e assim é em todos do Reino Vegetal.

Os escritos do médico pensador seguem trazendo descrições das plantas governadas por cada planeta, bem como suas características físicas, logo disso apresenta as simpatias e antipatias entre signos, podendo entender que estas se estenderiam para o mundo vegetal, sendo informação interessante tanto na hora de planejamento de plantio, como na combinação destas para banhos, defumações e oferendas. Ainda dentro da temática de simpatias, o autor sugere que há plantas de natureza combinada entre dois planetas, as características se misturam.

²⁵ SATURNO	Grande e triste	Flores negras, cinzentas	Odor desagradável, reproduzem sem semente.	Frutos ácidos, venenosos, sabor amargo ou acre, crescem lento
JÚPITER	Grande, frondoso	Flores brancas e azuis	Inodoro	Ligeiramente ácidos, sabor doce, suave, dá fruto
MARTE	Pequeno e espinhoso	Vermelho, pequeno	Odor picante	Venenosos, ácidos, amargos e picantes
	Médio	Flores	Muito aromático	Agridoce, ácido,

²⁴ PARACELSO, As Plantas Mágicas: Botânica Oculta, tradução de Atílio Cancian, supervisão de Maxim Behar. Hemus, 1976, São Paulo, SP. p. 27.

²⁵ PARACELSO, As Plantas Mágicas: Botânica Oculta, tradução de Atílio Cancian, supervisão de Maxim Behar. Hemus, 1976, São Paulo, SP. p. 28.

SOL		amarelas, movimento em direção ao Sol		apresentam flores ou frutos
VÊNUS	Pequeno, florido	Belas, alegres	Fino, delicado	Açucarados, não dá fruto, semente em abundância
MERCÚRIO	Médio, sinuoso	Pequenos, cores variadas	Odor penetrante	Sabores diversos, não tem frutos
LUA	Caprichoso	Flores brancas	Odor suave	Insípidos , frias, narcóticas e antiafrodisíacas

2. 5 PLANTAS MÁGICAS E A MACONHA: das possíveis associações e da passagem pelo livro

Ao final do livro *Plantas Mágicas*, Paracelso monta um anexo nomeado de *Pequeno Dicionário de Botânica Oculta*, ali nomeia, descreve e coloca os usos medicinais e mágicos de algumas plantas, bem como de sua associação planetária. Em dois parágrafos que introduzem o dicionário o autor conta um pouco do que e porque são colocadas essas e não outras informações sobre as plantas, as associações planetárias são justificadas pela utilização da hora do planeta para o momento de colheita em caso de utilização para alguma operação mágica, assim como para pensar o uso médico em relação ao céu do momento. São destinadas uma média de 20 páginas para o dicionário de botânica oculta, entre as plantas temos um texto generoso sobre o cânhamo que podemos ler a seguir:

CÂNHAMO HINDU (*Cannabis indica*). - Planta originária do Oriente. É ativíssima. Não deve ser usada sem o concurso do médico, pois sem ele há o risco de envenenamento. Em tintura, recomenda-se contra os ataques de coqueluche, nas neuralgias e cefaléias. Aconselha-se como sedativo nos acessos provocados pelas úlceras estomacais. Pode ser usado como hipnótico, dado que suscita o sono. A tintura se prepara da seguinte maneira: 20 gramas de pontas de cânhamo. 100 gramas de álcool a 90.º. Deixar para amolecimento durante quinze dias e filtrar com papel. A dose médica é de cinco a vinte e cinco gotas por dia.

Botânica oculta: O cânhamo hindu produz um extrato gorduroso, do qual se fabrica o famoso haxixe. Em uma ou duas ingestões, este produto proporciona êxtases místicos,

diabólicos ou extremamente eróticos, segundo a moralidade ou mentalidade do indivíduo que o usa. Estes êxtases são quase desconhecidos do Ocidente; em compensação, determinadas seitas utilizam-no e aplicam sabiamente em suas cerimônias e ritos litúrgicos. Planeta: Saturno.²⁶

Podemos identificar no texto que a planta aparece em relação ao hinduísmo, sendo assim a região da Índia, se fazendo entender que é desde esse território que o autor teve maior contato com seu uso, ainda assim nessa e em outra passagem que veremos a seguir, Paracelso deixa claro que o uso mágico e médico da planta é pouco conhecido no Ocidente e que a planta vem do Oriente. Podemos imaginar que a nomeação utilizada por ele, de cânhamo, carrega consigo associação ao uso de sua fibra para produção de cordas e tecidos, entre outras coisas, sendo esse o uso em maior escala da planta no Ocidente na época. A *Cannabis* é associada por Bradley Borougerdi, professor de história estadunidense contemporâneo, como grande possibilitadora das cruzadas, sendo altamente visada e disputada durante o período, assim como de territórios que favorecessem seu cultivo pela geografia e clima. Utilizada principalmente para confecção das cordas dos navios, não havendo outro material que conseguisse resistir aos percursos transcontinentais que atravessavam.

Observamos também sua associação a Saturno, planeta associado a viagens marítimas pelo astrólogo helenista Vatiús Valens (120-188), em sua obra Antologia, Livro I, o planeta carrega em si as Qualidades do Seco e Frio, e se vincula a resistência, a dureza, a morte e a passagem do tempo. Tais características nos ajudam a entender suas regências, sendo uma planta que, como colocado anteriormente, tem sua história atrelada à história da humanidade, acompanhando desde a sedentarização dos povos. Ainda as qualidades de resistência podem ser observadas no seu uso dentro das navegações, assim como a da morte, já que eram duras as viagens marítimas, travessias perigosas. Outro adendo mais é sua associação com os povos do Oriente, sua origem, aqui gostaria apenas de ressaltar esse vínculo, que não me parece de menor relevância, já que carrega consigo aspectos de um uso pela tradição de alguns territórios.

O autor trata de trazer algumas recomendações médicas do uso da planta, podemos observar a associação a Saturno na possibilidade de envenenamento, sendo no geral da regência do planeta as plantas de alguma toxicidade, ainda sim, hoje já existe um consenso científico, inclusive, de sua letalidade zero. Sendo a característica de toxicidade vinculada a mortalidade, diferente do entorpecimento, que tem sua associação planetária à Lua, colaborando também com seu uso dentro de

²⁶ PARACELSO, As Plantas Mágicas: Botânica Oculta, tradução de Atílio Cancian, supervisão de Maxim Behar. Hemus, 1976, São Paulo, SP. p. 59.

contextos, em grande parte, religiosos.

Podemos observar abaixo na nota do tradutor e estudioso de Paracelso que descreve sobre a utilização litúrgica no Oriente, ainda demonstrando que no Ocidente havia pouco conhecimento sobre o assunto, vejamos a passagem a seguir sobre o haxixe e ópio.

O haxixe e o ópio são duas das plantas mais conhecidas entre as substâncias vegetais com particularidades especiais para a ação mental. Porém, no Ocidente ninguém tem conhecimento da manipulação de que são objeto, a não ser que tenham sido iniciados no próprio Extremo Oriente. Os relatos de Quincey ou de Baudelaire, sem empanar-lhes o mérito da arte e da sinceridade, não nos revelam nenhum segredo sobre as possibilidades de tais remédios. A única coisa que podemos observar sobre o particular é que o emprego dessas drogas não pode levar ao êxtase intelectual mais do que no caso em que o indivíduo soube previamente, sem excitação e pela única força de sua vontade, tornar-se dono e senhor de suas forças mentais e sentir-se capaz de governar a associação das ideias; e na realidade não se trata de tarefa demasiado fácil. Se não fosse assim, se o acostumado ao haxixe o toma sem fixar previamente o entendimento, é certo que se lança à aventura, como que navegando num barco sem leme, num oceano muito mais terrível do que o mar das índias com seus ciclones e tempestades; e pode chegar ao porto da loucura ou — o que é pior — pode não mais voltar.²⁷

Acima se agrega que para um consumo da planta que traga benefícios especiais é necessário estar iniciado dentro das tradições do Extremo Oriente. São estas as duas aparições da maconha na tradução de Paracelso, ainda que o cânhamo tenha sido pontuado algumas outras vezes dentro do *Pequeno Dicionário de Botânica Oculta*, “colocareis uma toalha nova de linho ou cânhamo”(PARACELSO)²⁸ ou ainda “atavam a ponta de uma corda de cânhamo nela e a outra ponta no pescoço dum cachorro preto”(PARACELSO)²⁹. Podemos observar assim nessas duas menções menores a associação ao uso da fibra de cânhamo, sendo a planta vinculada às cordas e tecidos, e também aos cachorros, animal atribuído mais tarde a Saturno pelo astrólogo Willian Lilly, em seu livro *Introdução a Astrologia Cristã*, no qual também atrela o planta aos navios, marinheiros e viagens marítimas, indo de encontro com a associação do cientista neurologista Sidarta Ribeiro compartilhada

²⁷ Nota do tradutor CANCEIAN, Atílio em PARACELSO, *As Plantas Mágicas: Botânica Oculta*. Hemus, 1976, São Paulo, SP. p. 36.

²⁸ PARACELSO, *As Plantas Mágicas: Botânica Oculta*, tradução de Atílio Canceian, supervisão de Maxim Behar. Hemus, 1976, São Paulo, SP. p. 65.

²⁹ PARACELSO, *As Plantas Mágicas: Botânica Oculta*, tradução de Atílio Canceian, supervisão de Maxim Behar. Hemus, 1976, São Paulo, SP. p. 70.

anteriormente. Para além das descrições e menções diretas, vale também trazer aqui algumas passagens sobre a regência planetária no Reino Vegetal. Trago primeiramente a descrição das plantas influenciadas por Saturno, já que seria essa a regência atribuída pelo autor.

As plantas influenciadas por Saturno são pesadas, pegajosas, adstringentes, de sabor amargo, acre ou ácido e produzem frutos sem flor, reproduzem-se sem semente, são ásperas e negruscas; possuem oieiro penetrante, forma rara, sombra sinistra; São resinosas, narcóticas, crescem muito lentamente; consagram-se em cerimônias fúnebres e empregam-se em trabalhos de magia negra.³⁰

O autor trás tanto características físicas, como sobre forma de reprodução, crescimento e ainda utilizações relacionadas a determinados contextos sociais, fazendo associações bastante completas, no sentido de abranger diferentes aspectos da planta para determinar qual seria sua regência planetária. Assim mesmo existe uma dissonância na própria apresentação que o autor faz da *Cannabis* com a atribuição a Saturno, a partir da descrição acima, sendo únicas características passíveis de relação a resina – que podemos observar nos chamados cristais de THC, presentes nas flores da planta, também matéria-prima do haxixe – o fator narcótico e o emprego em magia negra, sendo esses dois fatores passíveis de interpretação, a ver a que o autor se referiria respeito cada terminologia. Podemos ler a seguir a descrição das plantas que sofrem influência da Lua, sendo essa a associação primordial estabelecida no livro do Picatrix, a fim de observar e compor nesse estudo em busca do entendimento das associações planetárias. “As plantas que sofrem a influência da Lua são insípidas, vivem perto da água ou dentro da água; são frias, leitosas, narcóticas, antiafrodisíacas; suas folhas costumam ser de grande tamanho. Empregam-se em despachos de bruxaria. (PARACELSO)”³¹

O pequeno trecho traz algumas colocações sobre características físicas, local onde crescem em melhores condições, efeitos de uso e ainda utilização, ainda assim a associação a regência da cannabis à Lua fica bastante dúbia. Não sendo uma planta que gosta particularmente de lugares com água, mas bem tem melhor cultivo em lugares mais secos, não é planta leitosa, apresentando em seu físico características também de secura, é uma planta a qual o próprio Paracelso a associa a efeitos afrodisíacos, ditos por ele como eróticos, e ainda não possui folhas especialmente grandes. Insatisfeita com a atribuição de regência planetária a partir da descrição dessas associações, trago ainda o trecho a qual o autor diz sobre as plantas influenciadas por Vênus, onde consigo enxergar associações de maneira mais substancial.

As plantas influenciadas por Vênus são de sabor doce, agradáveis e untuosas; produzem

30 PARACELSO, As Plantas Mágicas: Botânica Oculta, tradução de Atílio Cancian, supervisão de Maxim Behar. Hemus, 1976, São Paulo, SP. p. 28.

31 PARACELSO, As Plantas Mágicas: Botânica Oculta, tradução de Atílio Cancian, supervisão de Maxim Behar. Hemus, 1976, São Paulo, SP. p. 28.

flores, mas sem dar frutos, possuem sementes em abundância e são geralmente afrodisíacas; seu perfume é quase sempre suave. São empregadas nas práticas de magia sexual.³²

No trecho acima podemos observar a menção ao sabor, perfume, presença de flores, assim como de sementes e seu uso afrodisíaco, não possuindo sequer uma única característica de grande dissonância em relação à planta. Acrescento a isso a descrição das plantas sob regência do signo de Touro, a qual também encontro ressonância às características da *Cannabis*.

As plantas sob o signo de Touro são frias e secas; nelas predomina o elemento TERRA; seu sabor será, portanto, acre e de cheiro suave; têm o caule muito comprido, elevam eflúvios aromáticos, esfriam facilmente, produzem frutos em abundância. Algumas delas têm a forma duma garganta; plantas cujas flores são andrógenas. Perfume parecido ao do costo, a erva aromática.³³

A descrição acima das plantas sob o signo de Touro se alinham também com as características físicas da planta da cannabis, quando pensamos na secura, no caule comprido, no fator aromático, ainda em sua relação com a garganta, já que em grande parte das vezes tem seu uso pelo fumo. Ainda, apesar da planta ser dioico, expressando o sexo masculino e feminino, não é incomum os casos de hermafroditas.

Apresentadas assim as descrições de Paracelso a planta da maconha, assim como das plantas de alguns planetas e signo, chama a atenção o porquê da escolha para tal associação, que se vê mais claramente pelo contexto da época e sua história vinculada aos humanos, que pelas características físicas da botânica natural da planta em si.

2.6 ANÁLISE DE CASO I: Luação Proibição Pito de Pango.

A maconha chega na América Latina trazida pelos africanos escravizados, que vinham com sementes escondidas em meio do pouco que conseguiam transportar dentro das navegações e chegando em terra plantavam, tendo data a primeira embarcação negreira a desembarcar no Brasil em 1530, é essa mesma data da chegada da cannabis ao território brasileiro. Transportada de forma clandestina e por meio de povos em situação de escravidão, seu cultivo e cuidados na modernidade no Brasil e Américas é atrelado especialmente as

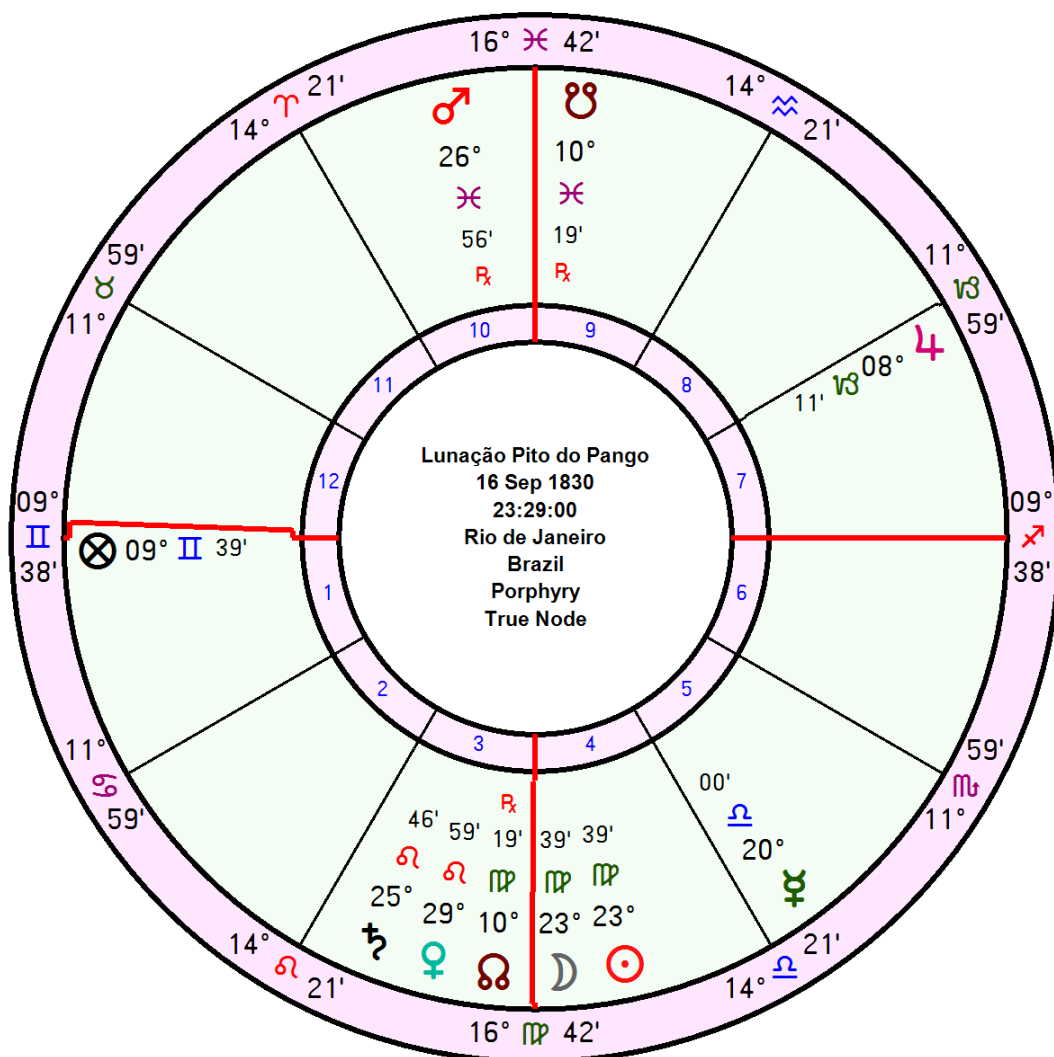
³² PARACELSO, As Plantas Mágicas: Botânica Oculta, tradução de Atílio Cancian, supervisão de Maxim Behar. Hemus, 1976, São Paulo, SP. p. 28.

³³ PARACELSO, As Plantas Mágicas: Botânica Oculta, tradução de Atílio Cancian, supervisão de Maxim Behar. Hemus, 1976, São Paulo, SP. p. 27.

populações marginalizadas, seja nos quilombos, na floresta, no campo ou nas favelas. Sendo planta que remete aqui nas Américas a época das invasões. A seguir apresento o primeiro decreto de proibição da cannabis no Brasil:

No dia 4 de outubro de 1830 a Câmara Municipal do Rio de Janeiro decretou seu primeiro Código de Posturas pró-independência, determinando no artigo § 7º do Título II da Seção Primeira: “É proibida a venda e o uso do “Pito do Pango”, bem como a conservação dele em casas públicas: os contraventores serão multados, a saber: o vendedor em 20\$000 réis e os escravos e demais pessoas que dele usarem, em 8 dias de cadeia”.

Pito do Pango foi uma das nomenclaturas usadas durante este período para a cannabis, sua proibição esteve atrelada a inúmeras outras que tratavam de conter a população escravizada, fazendo parte do que chamaram de Código de Posturas, onde por exemplo se proibiram festividades e a prática da capoeira. Era período pós independência, proclamada em 1822, sendo reconhecida internacionalmente na Inglaterra em 1825, que a partir disso começa a pressionar pelo fim da escravidão no Brasil. Momento de diversos tensionamentos públicos, é importante para nosso estudo ressaltar que nesse momento também começa a se institucionalizar o Direito Criminal e as práticas médicas, que tensionam com as práticas de benzimento e curandeirismo, utilizadas popularmente. O Pito do Pango era vendido nas farmácias, tendo além de uso religioso e recreativo, o uso medicinal, sendo aqueles que faziam uso tradicional e constante a mesma população de negros em situação de escravidão que os haviam trazido as terras brasileiras.



Este foi o mapa que deu início aos meus estudos, onde partindo dele outros 7 mapas foram abertos para análise e cruzamento de dados, todos os mapas datados num período entre 1800 à 1830. A lunação acima acontece no grau 23°39' do Signo de Virgem, próximo ao Nodo Sul, que marca o eclipse em Virgem que aconteceu no dia seguinte. A lunação de casa 4 marca temas de terra e território, sendo também casa dos inimigos do governo, em derivação, a casa 7 da 10, estes podendo ser representados pelo planeta Mercúrio, regente da casa 4 e também regente do povo, marcado pelo ascendente, se encontram em celebração, casa 5, abrindo em Libra, que nos leva a Vênus em Leão na casa 3, nas ruas, conjunta a Saturno. Vênus aparece regendo tanto as festividades, como as prisões, podemos assim pensar nessas proibições das tradições dança e música dos escravizados, que se encontram também censurados por Saturno. A rua está sendo cada vez mais vigiada, Saturno regendo também no mapa a religiosidade e as substâncias entorpecentes.

Era momento de censura e contenção, o governo estava fragilizado e tratava de fazer alianças, representados por Marte em Peixes, uma força armada de pouco respeito, não se mostra bom para a luta. Neste período no Rio de Janeiro a população negra excedia a população branca, causando grandes tensões de revolta dos escravizados, somando a pressão inglesa para o fim da escravidão.

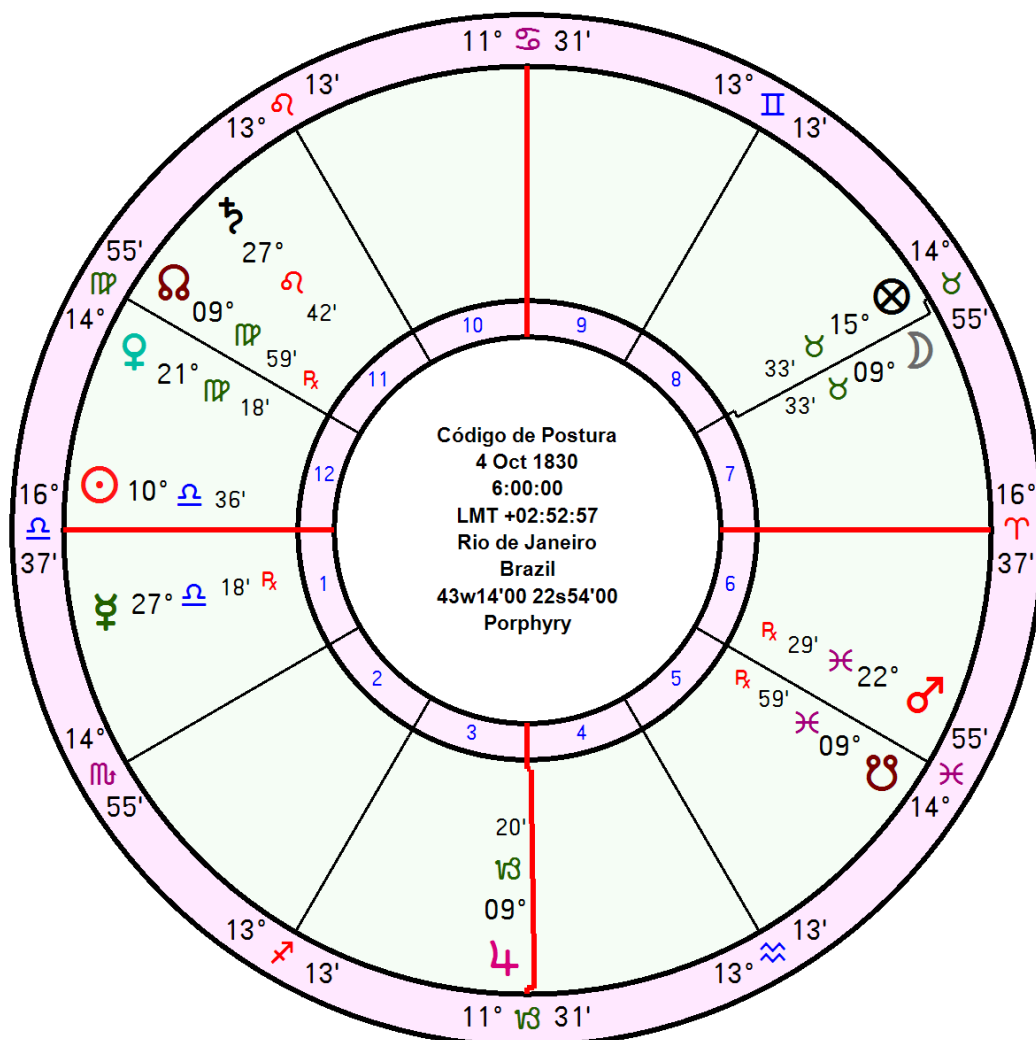
A leitura do mapa a meu ver, destaca bastante o tensionamento entre governo e população, escravizados e senhores de engenho, por cada lado que se olhe. Estando Marte e Júpiter representando os poderes da República, poder legislativo e poder armado, estando as leis em queda e a legitimidade em queda e as forças armadas sem nenhuma dignidade. Alguns pontos dos outros mapas analisados chamam a atenção quando cruzamos os dados, em todos os mapas analisados podemos encontrar algum destaque ao eixo Virgem – Peixes.

A lunação da primeira proibição da cannabis no mundo, no Cairo, Egito, em 19 de Setembro de 1800, grau 25°41' do signo de Virgem, a Grande Conjunção Saturno - Júpiter que deu início ao ciclo de Terra pelos próximos 200 anos, no dia 17 de Julho de 1802, se dá a 5°06' do Signo de Virgem, conjunto também ao Nodo Sul a 12°33' Virgem. Cerca de 20 anos mais tarde, 19 de Junho de 1821 a Grande Conjunção Saturno – Júpiter se despede definitivamente dos Signos de Fogo, sendo a 24°38' de Áries, apresentando no mapa os Nodos Sul e Norte nos Signos de Virgem e Peixes no grau 6°57',, respectivamente. Ainda outras duas conjunções analisadas, Marte – Saturno em 19 de Julho de 1829, 6°21' do Signo de Leão, com a Lua a 6°58' de Peixes e Marte – Júpiter dia 19 de Março de 1830, 14°27' de Capricórnio, com os Nodos Norte e Sul a 19° 17' de Peixes e Virgem respectivamente.

Virgem e Peixes, temáticas de organização, contorno, fronteiras, delimitação de territórios e Estados, é durante esse período que se firmam fronteiras que passaram por poucas modificações até os dias atuais. Outro ponto que chama a atenção é a presença de Saturno em Leão durante a proibição da cannabis no Cairo, tendo também a conjunção entre maléficos em 1829 no Signo de Leão, e a conjunção Marte – Júpiter em Capricórnio, em 1830, com Saturno já em Leão. Na conjunção dos maléficos está também Vênus conjunta a eles, também em Leão, marcando uma sequência de proibições a temas venusianos, como dança, música, herbária e o entorpecimento.

Algumas coincidências, mas nada de contundência suficiente para argumentar sobre a associação planetária da cannabis. Até agora o maior destaque que havia sido anteriormente nomeado é de Saturno em Leão, estando em queda durante esses período de proibição da maconha, ainda assim essas proibições eram atreladas a muitas outras e uma clara parcela da população, podendo ser atribuída a própria população negra sequestrada a regência de Saturno.

2.7 ANÁLISE DE CASO II: Aspectos do dia Pito de Pango e outras datas relevantes no Brasil

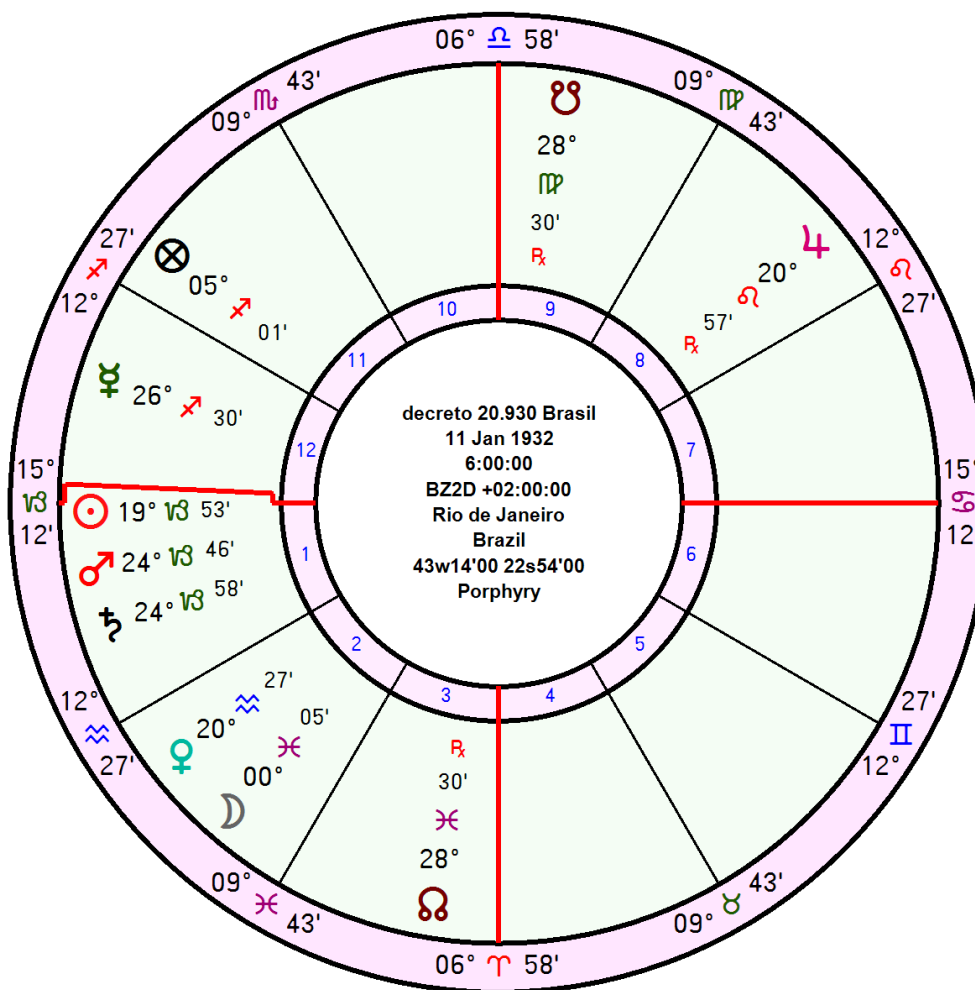


Devido a falta de dados para uma conclusão satisfatória, decidi analisar os aspectos do dia que foi decretado o código de postura. O horário acima sendo meramente ilustrativo do início do dia, comecei pesquisar os aspectos desde a meia noite, com a Lua no grau 5°46' de Touro até alcançar o grau 20°48' do mesmo signo. Houveram dois aspectos no céu esse dia, o primeiro às 6am Lua em trino com Júpiter em Capricórnio 9°20' e depois às oito da noite uma **oposição Vênus e Marte, no grau 20° do eixo Virgem – Peixes respectivamente**. Como tratamos de questões do legislativo e de proibições, Júpiter e Marte não causam tanta surpresa em aparecerem, sendo temáticas de suas naturezas, mas e a Vênus? Lembrando que a Vênus havia sido um palpite na associação planetária, baseado nas descrições e padrões estabelecidos por Paracelsus. Volta a aparecer também o eixo Virgem - Peixes, que atribuo

ao momento sociopolítico o qual não entrarei em maiores detalhes aqui. A partir disso decidi levantar um número considerável de mapas pelo mundo que apresentassem relevância dentro das legislações que envolvessem a cannabis e pude identificar um padrão de bastante recorrência envolvendo a Vênus.

Selecionei quatro mapas astrológicos mais de marcos legais dentro do território brasileiro, analisando os aspectos planetários de cada um desses dias. Em sequência apresento cada um dos mapas por ordem cronológica, apresentando

- **Decreto 20.930** - 11 de Janeiro de 1932, Rio de Janeiro, RJ

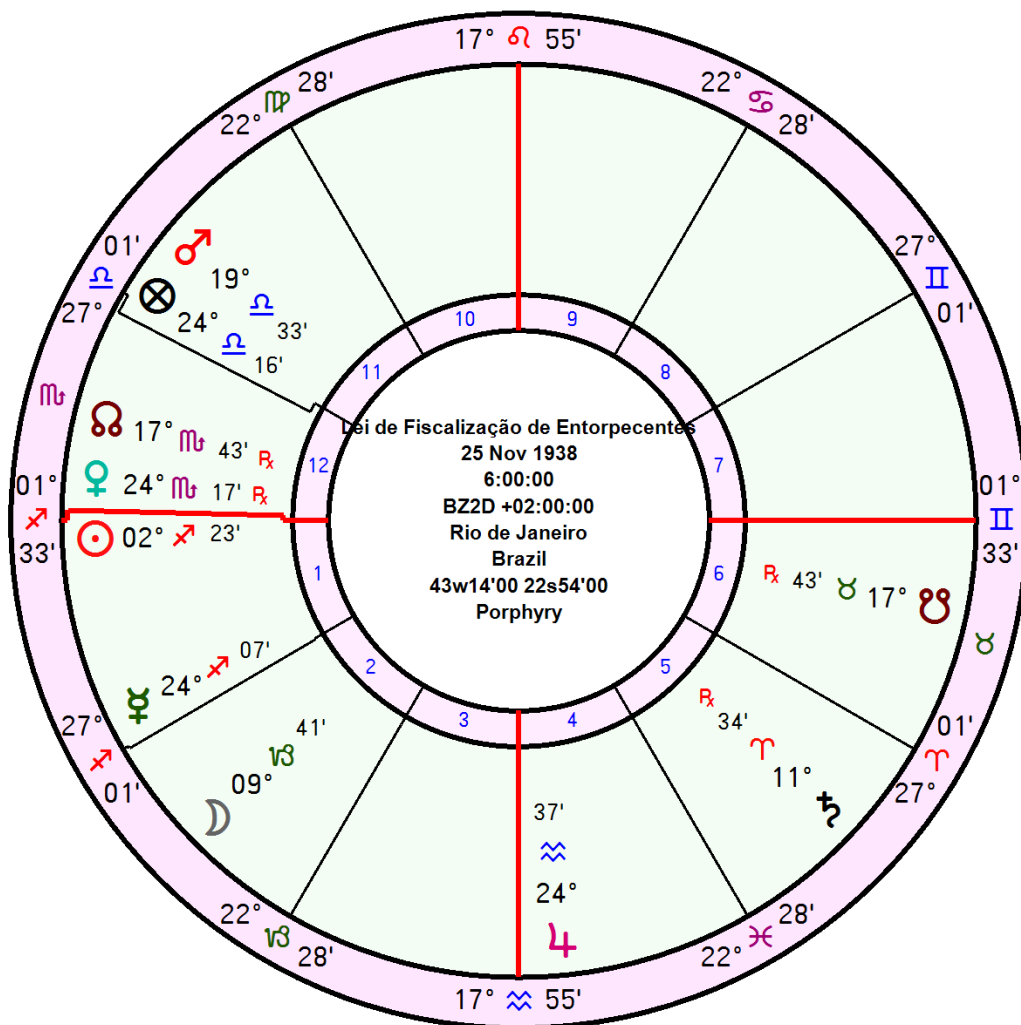


- Nesse Decreto a Cannabis entra na lista de entorpecentes, sendo estipulada a primeira estrutura estatal de controle de drogas no país

- Aspectos do dia:

Oposição Vênus em Aquário e Júpiter Leão

- Lei de Fiscalização dos Entorpecentes - 25 de Novembro de 1938, Rio de Janeiro, RJ



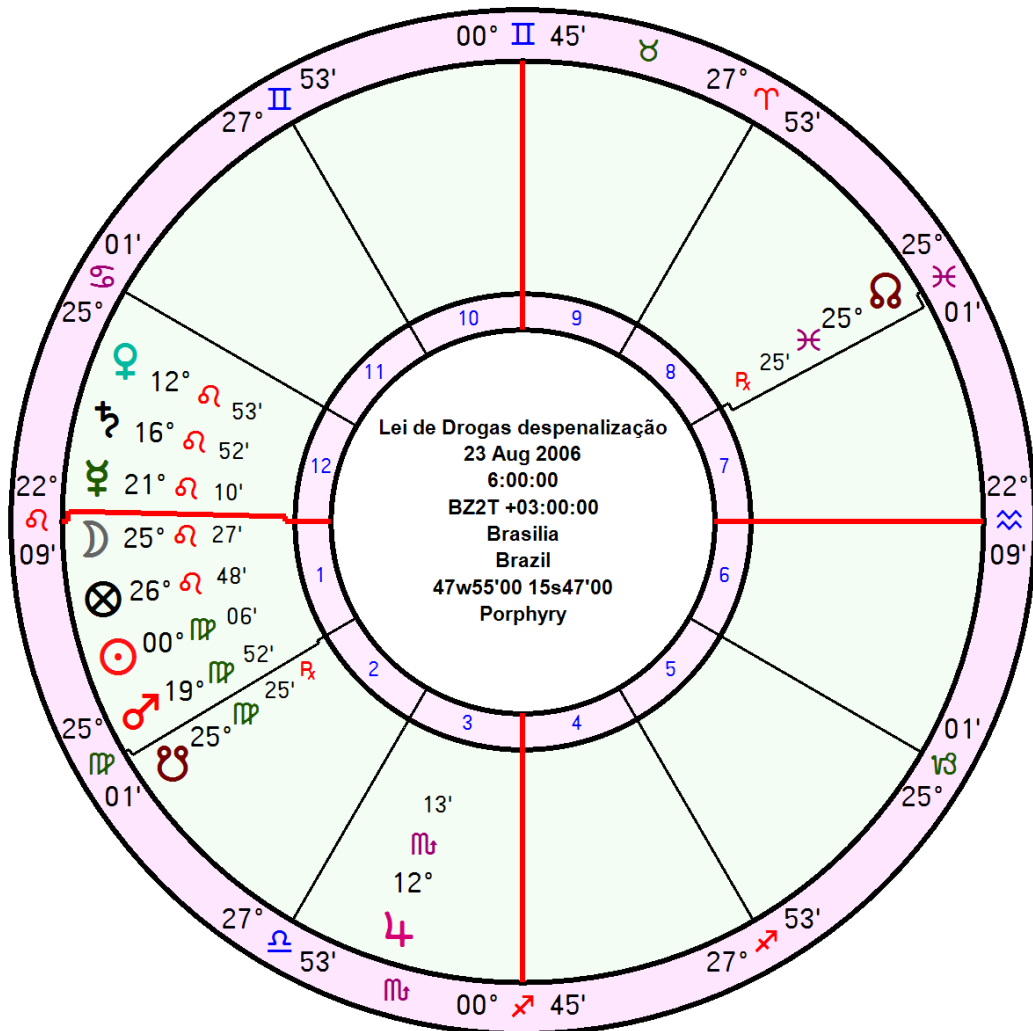
- A Lei proíbe o plantio, cultivo, colheita, fabricação, comércio, posse e uso da cannabis entre outros entorpecentes.
- Aspectos do dia:

Quadratura Saturno em 11° de Áries

- Aspectos do dia que antecedeu:

Quadratura Vênus Escorpião - Júpiter Áquario 24°

Sextil Lua - Júpiter



- Lei de Drogas 11.343/2006 - 23 de Agosto 2006, Brasília, DF

- Diferenciação usuário e traficante, sendo uma descriminalização parcial do usuário.

- Aspectos do dia:

Saturno está em Leão.

Lua Nova em Virgem

- Aspectos do dia anterior:

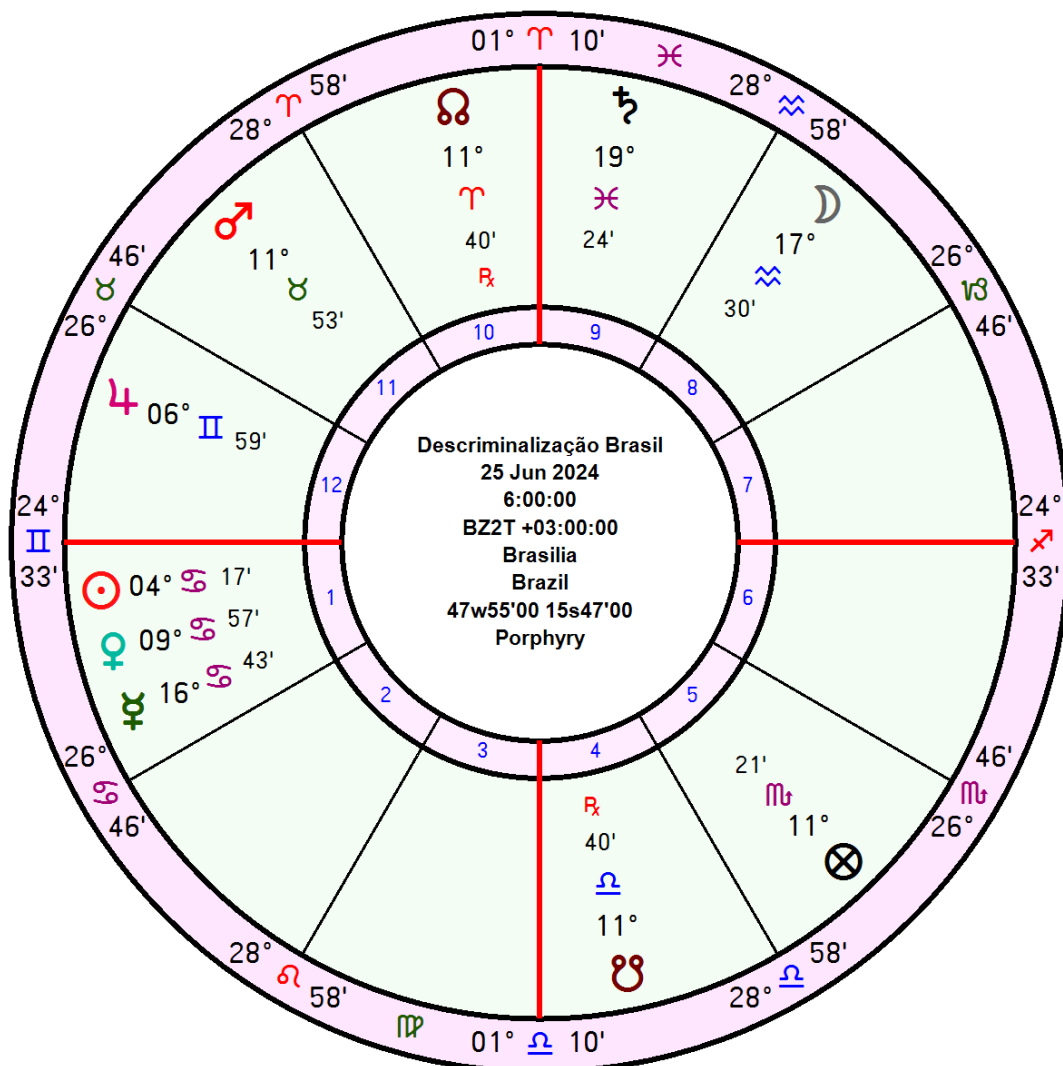
Conjunção Lua - Vênus em Leão

Quadratura Lua - Júpiter Escorpião

Conjunção Lua - Saturno Leão | Quadratura Vênus - Júpiter

Conjunção Lua - Mercúrio Leão

- Descriminalização do uso pessoal da maconha - 25 de Junho de 2024, Brasília



- Foi retirada a natureza penal da conduta de uso pessoal da cannabis, ficando estabelecido legal o porte de até 40 gramas ou 6 plantas fêmeas.

- Aspectos do dia:

Lua vazia de curso

- Aspectos do dia anterior:

Trino Lua em Capricórnio - Júpiter em Gêmeos

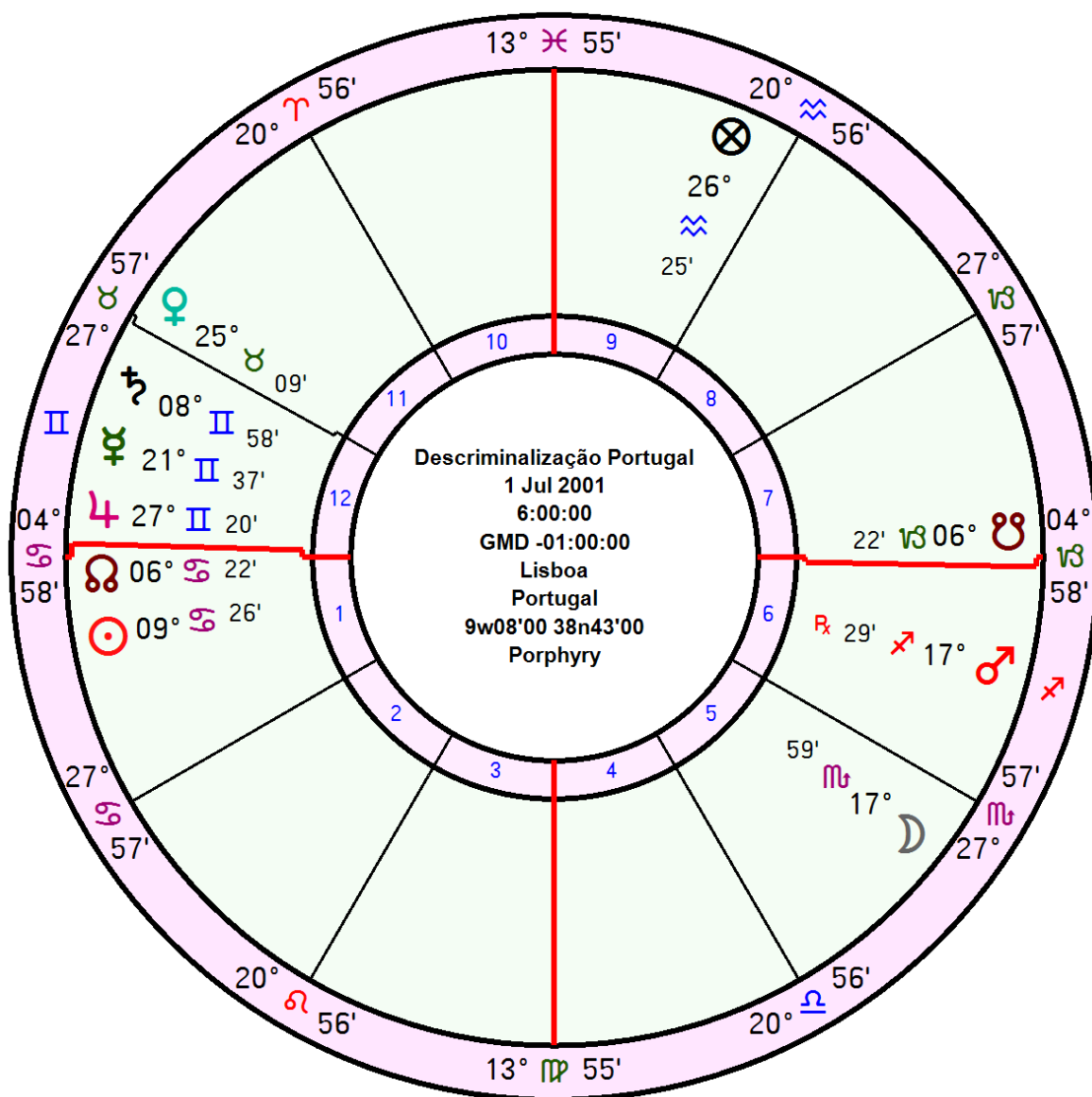
Quadratura Lua - Marte em Touro

A escolha por olhar o dia anterior em alguns casos é devido a falta de trânsitos planetários, no caso da Lua vazia de curso, entendendo a importância também daquilo que precedeu, no caso da Lua Nova também optei por observar aquilo que precedia, entendo como um aspecto de maior importância em marco temporal e assim maior relevância de observação daquilo que precedeu. Podemos assim observar que em quatro dos cinco mapas apresentados trazem aspectos significativos com Vênus durante o dia. Nenhum dos mapas com exceção do pito de pango de 1830 foi analisado com maior profundidade, a ideia foi exatamente a procura de um padrão de fácil visibilidade para levantamento de dados. Uma grande discrepância aos dados foi justamente na última descriminalização, lei que tratava especificamente da cannabis, ainda assim me lembro que durante a votação, o lei foi aprovada e logo em seguida, algo como uma semana depois foi revogada, até que foi aprovada de forma mais definitiva no dia 25 de Junho de 2024, teria sido interessante observar o mapa da primeira votação e aprovação, mas não pude encontrar com facilidade a precisão de datas. Ainda em todos os mapas, sem exceções aparecem Júpiter, essa aparição atribuo ao marco legal que estamos analisando.

2.8 ANÁLISE DE CASO III: Casos Internacionais

Segue o levantamento das datas e aspectos dos dias de algumas legalizações e descriminalização de maior relevância mundial, sendo elas em Portugal, Uruguay, Canadá, Colorado - EUA e também da Lei dos Opióides de 1976, Holanda. A escolha desses mapas foi dada pela seleção de alguns mapas mais contemporâneos que foram marcadores importantes da legalização da cannabis num mundo pós guerra às drogas. Optei pelo levantamento de mapas e dados a fim de buscar correspondências e semelhanças facilmente identificáveis visualmente, sendo o caminho da Lua uma média de 13° graus por dia.

- Descriminalização das drogas em Portugal



- Descriminalização do porte de todas as drogas, ou seja, pequenas quantidades para uso pessoal deixou de ser crime penal.

- Aspectos do dia:

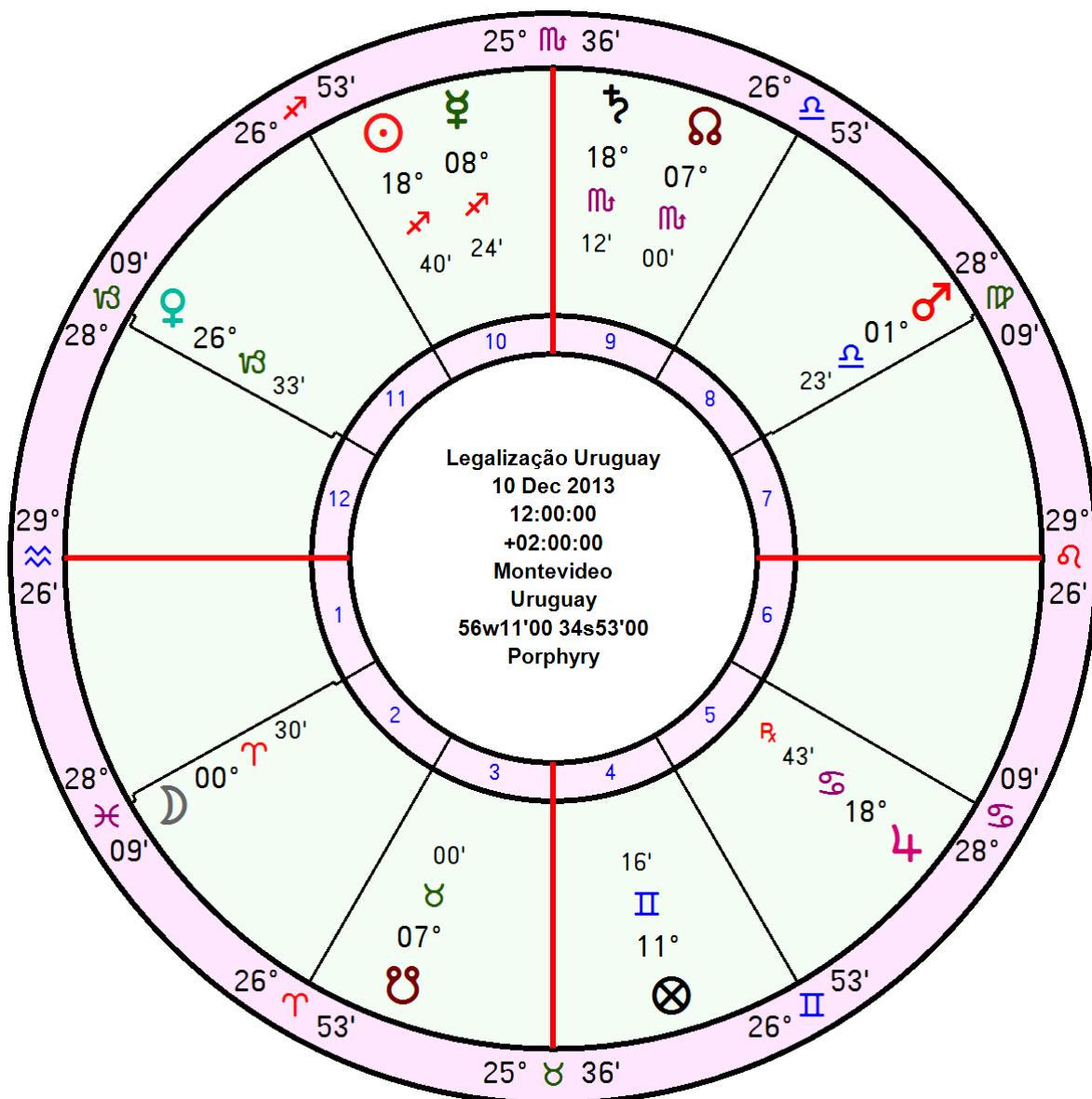
Oposição Lua em Escorpião - Vênus em Touro

—



A

- Por votação popular foi legalizado o uso recreativo da maconha nos Estados de Colorado e Washington nos Estados Unidos da América, mudando a constituição e criando base legal para um mercado regulamentado.
- Aspectos do dia:
 - Sextil Lua em Leão - Vênus Libra
 - Sextil Lua em Leão - Júpiter em Gêmeos | Quadratura com Sol em Escorpião
- Legalização da maconha Uruguai



- Legalização total e regulamentação da maconha no Uruguai.
- Aspectos do dia:

Sextil Lua em Peixes - Vênus em Capricórnio

Lua entra em Áries

Oposição Lua em Áries a Marte em Libra

- Legalização cannabis no Canadá

- P
r
i
m
e
i
r
o

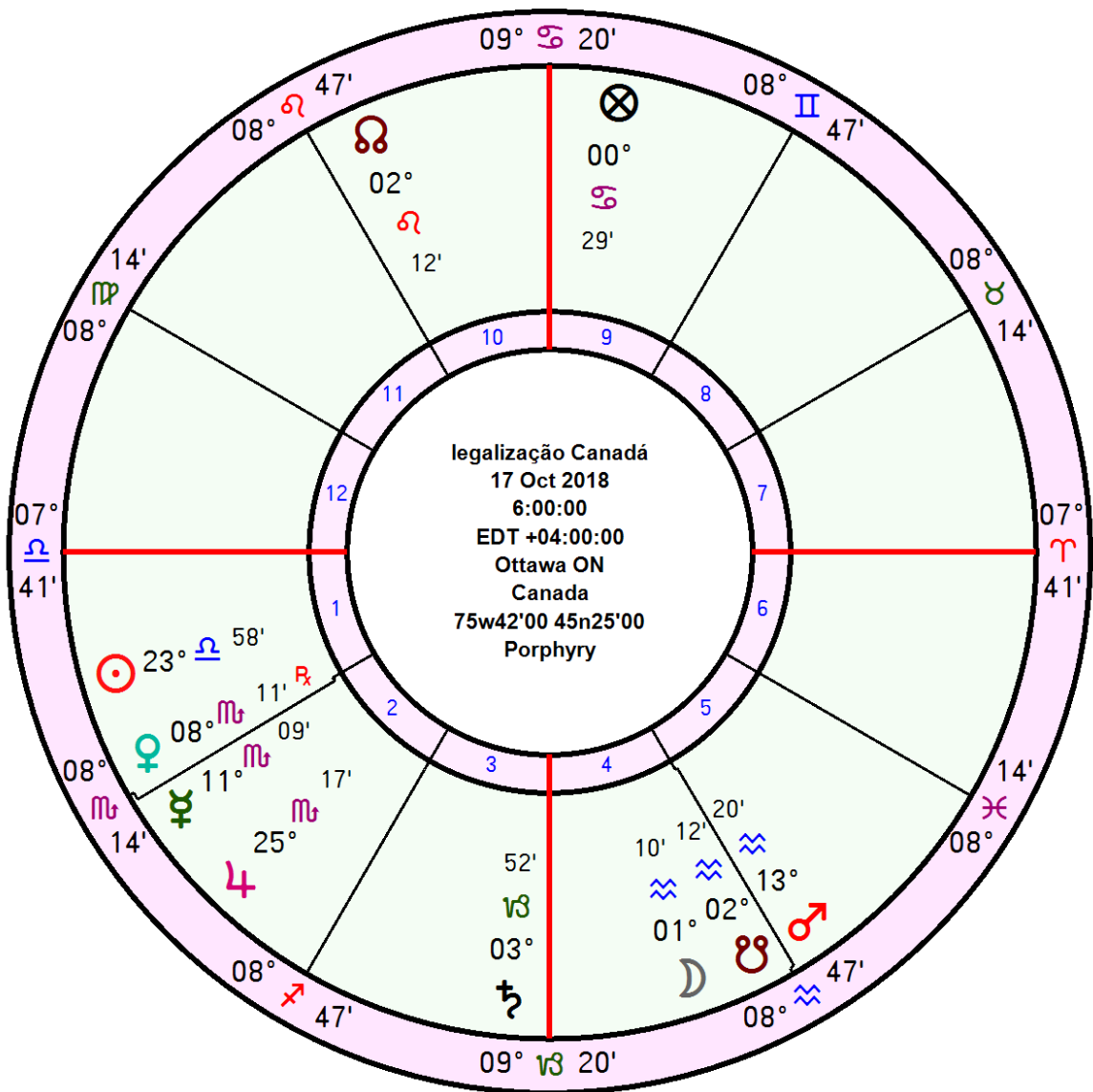
p
a
í
s

d
o

G
7

a

l



egalizar nacionalmente a maconha, sendo uma das legislações mais completas do mundo sobre cannabis recreativa.

- Aspectos do dia:

Quadratura Lua em Aquário - Vênus em Escorpião

CONCLUSÃO

Depois de passar por tantos tempos e espaços, por meio do céu e da filosofia, da busca pela maconha ao longo dos anos, a viagem chega ao final, junto à escrita e à leitura. A pesquisa se mostra viva pelo ato da grávia, aparecendo outras sutilezas mais, sendo a intuição a maior companheira dentro dos estudos de magia. Na minha procura pelas associações astrológicas à cannabis ao longo da história, tive duas referências principais, o *Picatrix* e *As plantas mágicas: botânica oculta*. Esses dois livros foram expandindo horizontes para trás e para frente, ainda levando com guia e base os estudos de Carlinda Maria Fischer Mattos, que serviram de ancoragem e inspiração. Chegando a esse desembocar no levantamento de inúmeros mapas afim de levantar dados empíricos para as sugestões de associações que apareceram ao longo do texto, na literatura de Picatrix a Lua e em Paracelsus a Saturno, ainda partindo da própria leitura do autor fiz meu palpite intuitivo e baseado em seus estudos e sistema de classificação e associação planetária, atribuindo a regência da cannabis a Vênus.

Durante minha investigação me demorei nas antigas filosofias sobre a essência e natureza de cada coisa, na tentativa de anunciar a profundidade que tais associações carregam, e seus fundamentos, trazendo um pouco da lógica de pensamento que ancora os saberes astrológicos. Meu objetivo foi recolher alguns depoimentos da aparição da *Cannabis* pelos textos antigos, bem como de apresentar o universo da classificação dos seres. Chegando ao final do texto me vi tendo aprofundado muito na filosofia astrológica e pouco de sua prática, optando pelo levantamento de mapas que pudessem trazer maior embasamento as possíveis associações apresentadas. Nenhum dos mapas foi analisado em maior profundidade, podendo trazer nuances diferentes em um futuro, caso essa pesquisa siga, ainda assim foi surpreendente o número de aparições que Vênus teve no céu durante os dias em diferentes anos em que houveram marcos legais importantes a respeito da cannabis, no Brasil e no Mundo.

Vênus é um planeta Úmido, fértil, receptivo, tendo divergência entre autores sobre sua natureza, onde Ptolomeu associa ao Quente e William Lilly ao Frio. Pertence ainda a seita noturna, junto à Lua e Marte. Deusa da beleza e harmonia, rege os artistas e artesãos, também associada aos entorpecentes, ao desejo e ao amor. Sendo na associação botânica e descrição feita por Paracelsus o planeta com maiores pontos de convergência a cannabis, planta muito usada entre artistas como fonte de inspiração, possui cheiro perfumado e penetrante, associada também ao sexo e em especial ao prazer feminino em inúmeras músicas e poesias.

Me resulta mais agradável e compatível a associação a cannabis a Vênus em relação a Saturno, já que este é tradicionalmente relacionado à toxicidade e envenenamento, características que entendo bastante adversas ao efeito da cannabis e vinculadas a uma visão carregada de preconceito à planta e aos seus usuários. Ainda assim há pontos de colisão e possíveis ligações ao longo da história com o planeta do tempo, pelo antiga, a comparação entre a criação e companhia canina, sua associação com populações historicamente marginalizadas, seu uso nas cordas dos navios que cruzaram o Atlântico. Cada um dos planetas encontra pontos de convergências diferentes para justificar suas associações, apresentando facetas diversas da maconha.

O texto assim é separado em duas partes, uma de preparos filosóficos e teóricos, onde a maconha não se apresentou e uma segunda parte onde ela mostrou seu protagonismo. O objetivo da pesquisa foi mostrando-se vivo ao longo da investigação, indo, vindo e dando voltas, espero que possa servir a outros tantos estudos que viram, entendendo um recorte ínfimo em um mar de desdobramentos possíveis, seja dentro da filosofia astrológica, da botânica astrológica ou ainda no estudo aprofundado dos mapas apresentados dentro da Astrologia Mundana. Ficam minhas contribuições ao estudo e prática que trazem tanta poesia à minha vida.

REFERÊNCIAS

PARACELSO. **As Plantas Mágicas: Botânica Oculta**. tradução de Atílio Cancian, supervisão de Maxim Behar. Hemus, 1976, São Paulo, SP.

AL-MAYRITI, Maslama Ibn Ahmad. **Ghâyat al-Hakīm**. Tradução de Marcelino Villegas. Rlull. 2015.

MATTOS, Carlinda Maria Fischer. **Pedras, plantas e animais: as formas de classificar os seres, no Lapidário de Afonso X, o Rei Sábio (1221-1284)**. Curitiba, Appris, 2021.

TEOFRASTO. **História das Plantas**. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016.

ARISTÓTELES, **Sobre a Alma**. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010.

ARISTÓTELES, **Sobre a Geração e a Corrupção**, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009.

BAEZ, María de Lourdes. Congresso internacional **Plantas Sagradas en las Américas**, 2018. Disponível em: <https://plantas-sagradas-americas.net/programa/la-santa-rosa-la-medicinita-que-cura-el-alma-entre-los-otomies-orientales-de-hidalgo/> . Acesso em: agosto, 2025.

BENNETTI, Chris. **Cannabis Culture**, 23 de Março, 2018. Disponível em: <https://www.cannabisculture.com/content/2019/03/23/the-cannabis-suffumigations-of-the-ghayat-alhakim-and-the-picatrix/> . Acesso em: Abril, 2025.